

# Metodologia científica e Bioestatística

Editor: Dr. Hércules Rezende Freitas

2024-11-29



# Contents

<b>1</b>	<b>Sobre o projeto</b>	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>Introdução à metodologia científica</b>	<b>9</b>
2.1	Conceitos básicos de ciência . . . . .	9
2.2	O método científico . . . . .	9
2.3	Paradigmas científicos . . . . .	9
2.4	Ética na pesquisa científica . . . . .	9
<b>3</b>	<b>Formulação de problemas e hipóteses</b>	<b>11</b>
3.1	Identificação de problemas de pesquisa . . . . .	11
3.2	Revisão da literatura . . . . .	11
3.3	Definição de objetivos . . . . .	11
3.4	Formulação de hipóteses . . . . .	11
<b>4</b>	<b>Desenhos de pesquisa</b>	<b>13</b>
4.1	Estudos observacionais . . . . .	13
4.2	Ensaio clínico . . . . .	13
4.3	Estudos experimentais . . . . .	13
<b>5</b>	<b>Bioestatística descritiva</b>	<b>15</b>
5.1	Medidas de tendência central . . . . .	15
5.2	Medidas de dispersão . . . . .	15
5.3	Distribuições de frequência . . . . .	15
5.4	Representações gráficas . . . . .	15

<b>6 Bioestatística inferencial</b>	<b>17</b>
6.1 Conceitos de probabilidade . . . . .	17
6.2 Distribuições de probabilidade . . . . .	17
6.3 Estimação e intervalos de confiança . . . . .	17
6.4 Testes de hipóteses . . . . .	17
<b>7 Análise de dados</b>	<b>19</b>
7.1 Correlação e regressão . . . . .	19
7.2 Análise de variância (ANOVA) . . . . .	19
7.3 Análise multivariada . . . . .	19
<b>8 Uso de <i>softwares</i> estatísticos</b>	<b>21</b>
8.1 <i>Softwares</i> “no-code” e “low-code” . . . . .	21
8.2 R para análise estatística . . . . .	21
8.3 Python para análise estatística . . . . .	55
8.4 Visualização de dados e figuras científicas . . . . .	55
<b>9 Comunicação científica</b>	<b>57</b>
9.1 Redação de artigos científicos . . . . .	57
9.2 Estrutura de relatórios de pesquisa . . . . .	57
9.3 Apresentações orais e posters . . . . .	57
9.4 Publicação e revisão por pares . . . . .	57
<b>10 Ética e boas práticas em pesquisa</b>	<b>59</b>
10.1 Consentimento informado e conformidade ética . . . . .	59
10.2 Plágio e integridade acadêmica . . . . .	59
10.3 Regulamentações e normas em pesquisa . . . . .	59
10.4 Responsabilidade social do cientista . . . . .	59
<b>11 Aplicações práticas e estudos de caso</b>	<b>61</b>
11.1 Epidemiologia e saúde pública . . . . .	61
11.2 Genética e biologia molecular . . . . .	61
11.3 Ecologia e conservação . . . . .	61
11.4 Farmacologia e ensaios clínicos . . . . .	61

<i>CONTENTS</i>	5
-----------------	---

<b>12 Tópicos avançados em bioestatística</b>	<b>63</b>
---	-----------

12.1 Modelos lineares generalizados . . . . .	63
12.2 Análise de sobrevivência . . . . .	63
12.3 Bioinformática e <i>big data</i> . . . . .	63
12.4 Metanálise . . . . .	63

<b>13 Recursos adicionais</b>	<b>65</b>
-------------------------------	-----------

13.1 Bibliografia recomendada . . . . .	65
13.2 Glossário de termos . . . . .	65
13.3 Tabelas estatísticas . . . . .	65
13.4 Links e ferramentas online . . . . .	65



# Chapter 1

## Sobre o projeto

O projeto “Metodologia científica e Bioestatística” é colaborativo e de acesso aberto. O objetivo é que o documento seja sempre atualizado e que seus autores sejam reconhecidos por suas contribuições.





## Chapter 2

# Introdução à metodologia científica

2.1 Conceitos básicos de ciência

2.2 O método científico

2.3 Paradigmas científicos

2.4 Ética na pesquisa científica



## Chapter 3

# Formulação de problemas e hipóteses

3.1 Identificação de problemas de pesquisa

3.2 Revisão da literatura

3.3 Definição de objetivos

3.4 Formulação de hipóteses



## Chapter 4

# Desenhos de pesquisa

### 4.1 Estudos observacionais

#### 4.1.1 Estudos transversais

#### 4.1.2 Estudos de coorte

#### 4.1.3 Estudos de caso-controle

### 4.2 Ensaios clínicos

#### 4.2.1 Ensaios randomizados controlados

#### 4.2.2 Estudos duplo-cegos

### 4.3 Estudos experimentais

#### 4.3.1 Desenho experimental

#### 4.3.2 Controle e aleatorização



## Chapter 5

# Bioestatística descritiva

### 5.1 Medidas de tendência central

#### 5.1.1 Média

#### 5.1.2 Mediana

#### 5.1.3 Moda

### 5.2 Medidas de dispersão

#### 5.2.1 Variância

#### 5.2.2 Desvio padrão

#### 5.2.3 Amplitude

### 5.3 Distribuições de frequência

### 5.4 Representações gráficas

#### 5.4.1 Histogramas

#### 5.4.2 Boxplots

#### 5.4.3 Gráficos de dispersão





## Chapter 6

# Bioestatística inferencial

### 6.1 Conceitos de probabilidade

### 6.2 Distribuições de probabilidade

#### 6.2.1 Distribuição normal

#### 6.2.2 Distribuição t de student

#### 6.2.3 Distribuição qui-quadrado

### 6.3 Estimação e intervalos de confiança

### 6.4 Testes de hipóteses

#### 6.4.1 Testes paramétricos

#### 6.4.2 Testes não-paramétricos



## Chapter 7

# Análise de dados

### 7.1 Correlação e regressão

#### 7.1.1 Correlação de Pearson e Spearman

#### 7.1.2 Regressão linear simples e múltipla

### 7.2 Análise de variância (ANOVA)

#### 7.2.1 ANOVA de uma via

#### 7.2.2 ANOVA fatorial

### 7.3 Análise multivariada

#### 7.3.1 Componentes principais

#### 7.3.2 Clusterização



## Chapter 8

# Uso de *softwares* estatísticos

### 8.1 *Softwares* “no-code” e “low-code”

### 8.2 R para análise estatística

Dr. Hércules Freitas<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Centro de Ciências da Saúde, Instituto de Bioquímica Leopoldo de Meis, Laboratório de Erros Inatos do Metabolismo, Rio de Janeiro/RJ, Brasil.

#### 8.2.1 Aprendendo a programar

Aprender a programar, especialmente em uma linguagem como R, destinada à ciência de dados, é uma jornada empolgante, mas também repleta de desafios. Um dos maiores obstáculos que os iniciantes enfrentam não é a complexidade dos conceitos ou a sintaxe da linguagem, mas a frustração que surge ao encontrar erros e *bugs*. Este sentimento, embora desagradável, é uma parte integral do processo de aprendizado. A chave para superar essa frustração não está em evitá-la, mas em aprender a lidar com ela de maneira produtiva.

##### 8.2.1.1 A importância de lidar com a frustração

A frustração, embora desconfortável, é um sinal de que você está se desafiando e saindo da sua zona de conforto. É um indicativo de crescimento e aprendizado.

Quando você se depara com um erro em seu código R, é fácil sentir-se desanimado ou questionar suas habilidades. No entanto, é crucial reconhecer que até os programadores mais experientes enfrentam erros e *bugs* regularmente. A diferença está em como eles reagem a esses contratempos.

Uma habilidade subestimada na programação é a capacidade de ler e interpretar mensagens de erro. Em R, como em muitas outras linguagens de programação, as mensagens de erro são projetadas para guiar o programador na identificação e correção de problemas. Embora possam parecer crípticas no início, com a prática, você começará a reconhecer padrões comuns e entender melhor o que essas mensagens estão tentando comunicar. Abaixo, seguem algumas dicas para lidar com as dificuldades no aprendizado inicial:

1. **Aceitação:** aceite que a frustração é uma parte normal do processo de aprendizado. Reconheça seus sentimentos, mas não permita que eles dominem sua motivação para aprender;
2. **Pausas estratégicas:** quando se sentir sobrecarregado, faça uma pausa. Distanciar-se temporariamente do problema pode ajudar a clarear sua mente e trazer novas perspectivas;
3. **Comunidade e suporte:** não hesite em buscar ajuda. A comunidade R é vasta e acolhedora, com fóruns e grupos dedicados a ajudar programadores de todos os níveis. Compartilhar suas dificuldades e buscar conselhos pode ser incrivelmente útil;
4. **Prática e persistência:** a prática contínua é fundamental. Quanto mais você se expõe a diferentes problemas e erros, mais equipado estará para lidar com eles no futuro;
5. **Celebre pequenas vitórias:** cada erro corrigido é um passo à frente em sua jornada de aprendizado. Celebre essas conquistas e reconheça seu progresso.

Aprender a programar em R é uma jornada valiosa que abre portas para o mundo da análise de dados. Embora a frustração seja uma parte inevitável desse processo, adotar uma abordagem positiva e resiliente pode transformar esses desafios em oportunidades de aprendizado. Lembre-se, cada erro é uma chance de crescer, e cada problema resolvido é um passo em direção à maestria na programação. Mantenha-se motivado, pratique regularmente e, mais importante, seja paciente consigo mesmo. O caminho para se tornar proficiente em R pode ser longo, mas é, sem dúvida, recompensador.

### 8.2.2 Visão geral do R e suas aplicações

R é uma linguagem de programação e um ambiente de software para análise estatística e gráfica. A história do R remonta à década de 1970 com o desenvolvimento da linguagem S no Bell Labs por John Chambers e outros (Chambers

1980). A linguagem S foi projetada para ser uma linguagem de programação que fosse tanto eficiente quanto fácil de usar, com foco em análise de dados e gráficos estatísticos.

Na década de 1990, Ross Ihaka e Robert Gentleman, da Universidade de Auckland, na Nova Zelândia, iniciaram o desenvolvimento do R como um projeto de pesquisa. Eles foram influenciados pela linguagem S e pelo Scheme, uma linguagem de programação com semântica de escopo léxico. O R foi concebido como um dialeto da linguagem S, com a intenção de melhorar e ampliar a análise estatística e as capacidades gráficas (Ihaka and Gentleman 1996).

R é uma linguagem de programação interpretada, o que significa que o código é executado diretamente, sem a necessidade de compilação prévia. Isso facilita a depuração e o desenvolvimento iterativo. Além disso, R é uma linguagem dinamicamente tipada, permitindo que os tipos de dados sejam alterados em tempo de execução.

Uma das principais características do R é a sua extensibilidade. A comunidade de usuários e desenvolvedores contribuiu com uma vasta coleção de pacotes que estendem a funcionalidade básica do R, disponíveis através do *Comprehensive R Archive Network (CRAN)* (Hornik 2012). Esses pacotes cobrem uma ampla gama de técnicas estatísticas, modelos gráficos, métodos de *machine learning*, e muito mais.

R também é conhecido por sua capacidade de produzir gráficos de alta qualidade, que são essenciais para a análise exploratória de dados e a apresentação de resultados estatísticos. A linguagem oferece diversas funções e pacotes para a criação de gráficos, incluindo o popular *ggplot2*, que permite a construção de gráficos complexos de maneira intuitiva (Wickham 2011).

Outra característica importante do R é a sua comunidade ativa e colaborativa. Os usuários de R frequentemente compartilham seu código e experiências, ajudando uns aos outros a resolver problemas e a melhorar suas habilidades de programação. Isso é facilitado por fóruns de discussão, listas de e-mail e conferências.

As principais aplicações da linguagem R no mundo do trabalho abrangem uma vasta gama de setores, especialmente aqueles que dependem intensamente da análise de dados, estatística e modelagem preditiva. Profissões como cientistas de dados, analistas de mercado, pesquisadores em saúde e biologia, e especialistas em *machine learning* são apenas alguns exemplos de carreiras que se beneficiam diretamente do uso de R. Esta linguagem é particularmente valorizada por sua capacidade de manipular grandes conjuntos de dados, realizar análises estatísticas complexas, criar visualizações de dados avançadas e desenvolver modelos de *machine learning*.

No futuro, espera-se que a demanda por profissionais com habilidades em R continue a crescer, à medida que mais setores reconhecem a importância da tomada de decisões baseada em dados. Profissões emergentes, como especialistas

em big data, analistas de cibersegurança que utilizam técnicas de aprendizado de máquina para identificar ameaças, e profissionais envolvidos na criação e gestão de ambientes virtuais no metaverso, também poderão se beneficiar do uso de R.

Além disso, à medida que a inteligência artificial (IA) e a análise de dados se tornam cada vez mais integradas em diferentes aspectos do mundo do trabalho, a capacidade de utilizar R para desenvolver e implementar soluções baseadas em dados será uma habilidade altamente valorizada.

A linguagem R, com sua comunidade ativa e vasta coleção de pacotes, oferece uma plataforma robusta para inovação e desenvolvimento em diversas áreas. Profissionais do futuro poderão utilizar R para explorar novos territórios em ciência de dados, otimização de processos, desenvolvimento de produtos baseados em IA, análises ambientais e muito mais. A flexibilidade e a capacidade de adaptação de R a diferentes contextos e desafios tornam-na uma ferramenta valiosa para profissionais que buscam estar na vanguarda da inovação e da análise de dados.

### 8.2.3 Instalando o R e o RStudio

Para instalar o R e o RStudio em computadores com sistemas operacionais Windows ou Mac, siga os passos abaixo:

#### 8.2.3.1 Instalação do R no Windows:

1. Acesse o site do CRAN (Comprehensive R Archive Network), que é uma rede de servidores que armazena versões atualizadas do R;
2. Em “*Download and Install R*”, clique em “*Download R for Windows*”;
3. Clique em “*... install R for the first time*”;
4. Clique em “*Download R x.x.x for Windows*”, onde “x.x.x” é o número da versão mais recente;



5. Após o *download*, execute o arquivo baixado e siga as instruções do instalador. Durante a instalação, você pode aceitar as configurações padrão, que são adequadas para a maioria dos usuários.



### 8.2.3.2 Instalação do RStudio no Windows

1. Após instalar o R, acesse o site do RStudio (Posit);
2. Desça a página e clique em “*Download RStudio Desktop for Windows*”;

## 2: Install RStudio

DOWNLOAD RSTUDIO DESKTOP FOR WINDOWS

Size: 215.66 MB | [SHA-256: D3C03C42](#) | Version:  
2023.12.1+402 | Released: 2024-01-29

3. Execute o arquivo baixado e siga as instruções para concluir a instalação.

### 8.2.3.3 Instalação do R no Mac

1. Acesse o site do CRAN;
2. Clique em “*Download R for macOS*”;



CRAN  
Mirrors  
What's new?  
Search  
CRAN Team

The Comprehensive R Archive Network

#### Download and Install R

Precompiled binary distributions of the base system and contributed packages. **Windows and Mac** users most likely want one of these versions of R:

- [Download R for Linux \(Debian, Fedora, Redhat, Ubuntu\)](#)
- [Download R for macOS](#)
- [Download R for Windows](#)

R is part of many Linux distributions, you should check with your Linux package management system in addition to the link above.

3. Escolha a versão do R que deseja instalar (*Macbooks Intell, mais antigos, ou Macbooks M1/M2*);

For Apple silicon (M1/M2) Macs:

[R-4.3.2-arm64.pkg](#)

SHA1-hash: 763be9944ad00ed405972c73e9960ce4e55399d4  
(ca. 92MB, notarized and signed)

For older Intel Macs:

[R-4.3.2-x86\\_64.pkg](#)

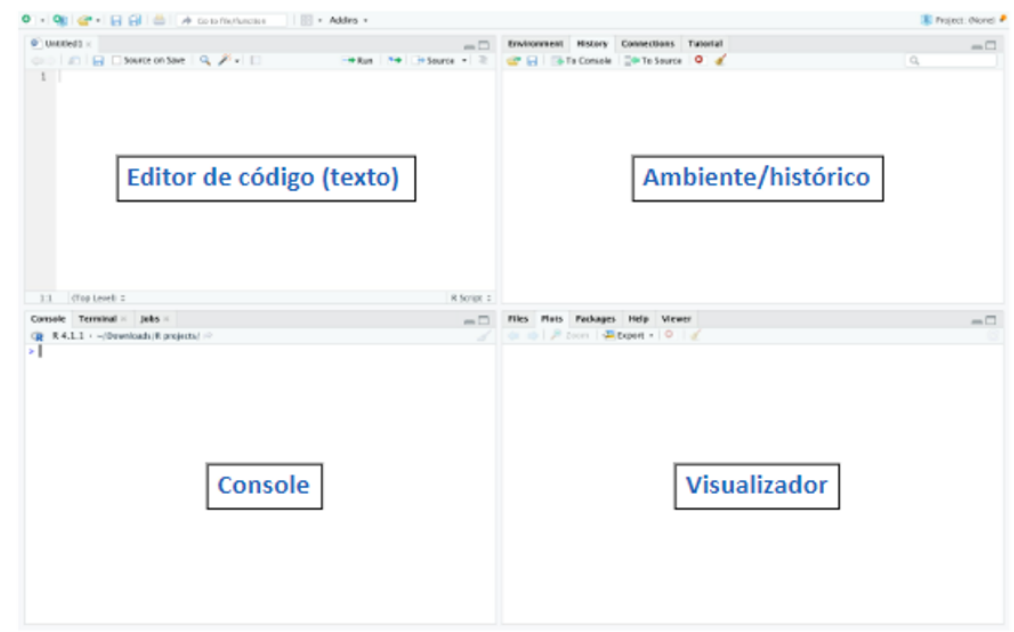
SHA1-hash: 3d68ea6698add258bd7a4a5950152f4072eee8b2  
(ca. 94MB, notarized and signed)

4. Após o *download*, abra o arquivo “.pkg” baixado e siga as instruções para instalar o R.

#### 8.2.3.4 Instalação do RStudio no Mac

1. Visite o site do RStudio (Posit) após instalar o R;
2. Clique em “*Download RStudio*”;
3. Na seção *RStudio Desktop*, clique em “*Download RStudio Desktop for Mac*”;
4. Escolha a versão apropriada para Mac, seja para processadores Intel ou M1, e inicie o *download*;
5. Abra o arquivo baixado e siga as instruções para instalar o RStudio.

Após a instalação, você estará pronto(a) para utilizar todas as funcionalidades do R no RStudio.



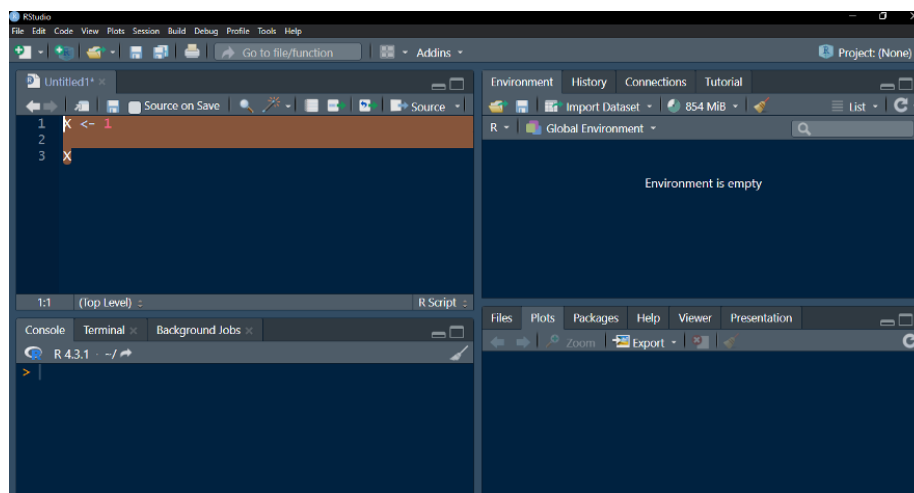
### 8.2.4 Sintaxe básica e operações no R

#### 8.2.4.1 Sintaxe básica

A sintaxe do R é bastante simples e direta. A linguagem faz distinção entre maiúsculas e minúsculas, portanto, “A” e “a” são considerados símbolos difer-

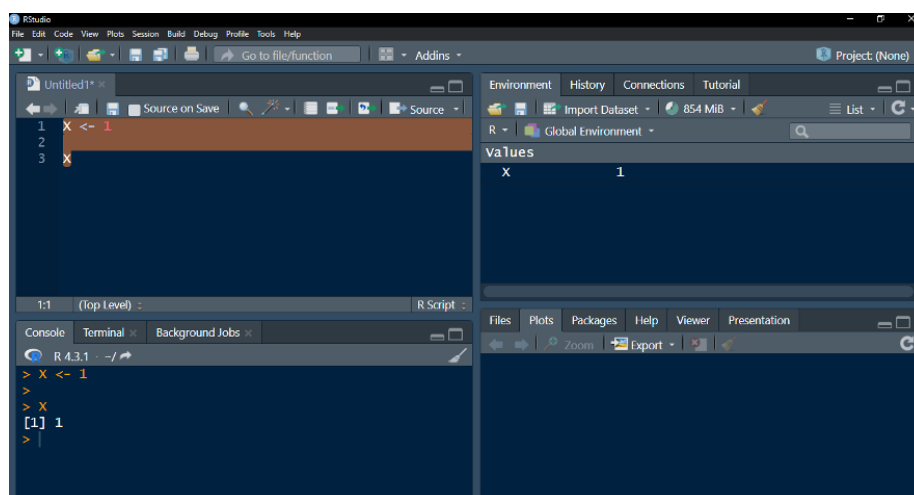
entes e podem se referir a variáveis diferentes. Os comandos no R são expressões ou atribuições. Se um comando é uma expressão, seu valor é calculado e visualizado, mas é perdido em seguida. Uma atribuição, por outro lado, calcula a expressão e atribui o resultado a uma variável, que é salva no ambiente de trabalho do R. Aqui está um exemplo de atribuição a variável no R (“x <- 1” ou “x é igual a 1”):

**Passo 1:** digite o código desejado no editor



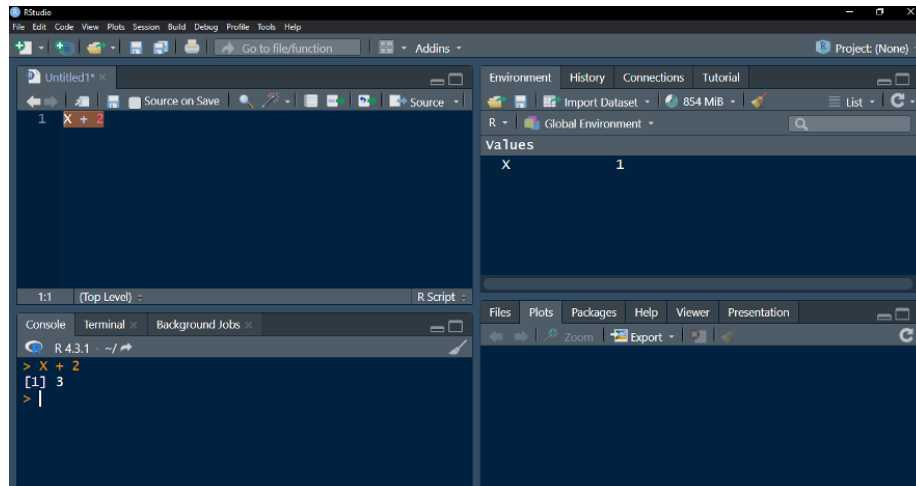
\* O código acima indica, na primeira linha, “X contém o valor 1”. A segunda linha “pede” ao programa que indique o valor de “X”.

**Passo 2:** selecione o código a ser executado e aperte “Ctrl + Enter”



\*O resultado é apresentado no Console (i.e., “[1] 1” ou “X contém um valor, e esse valor é 1”).

**Passo 3:** use o objeto X gerado em outros códigos

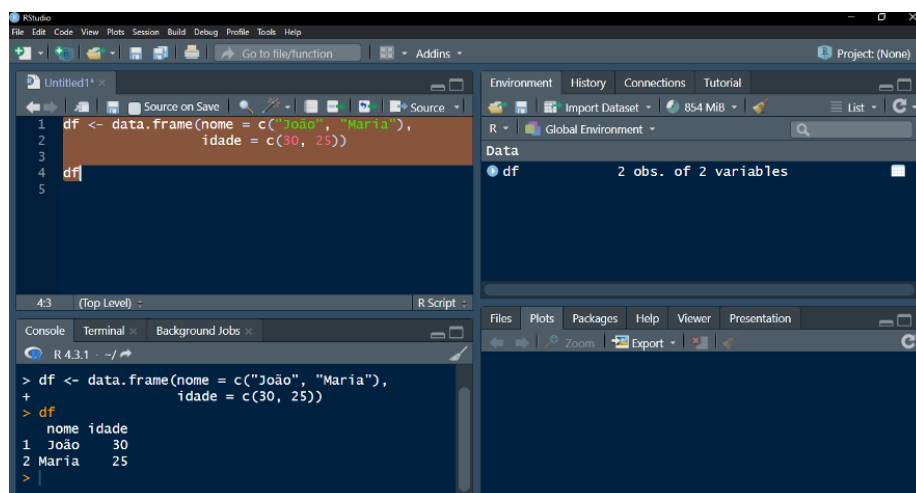


\*"X" é um objeto de valor 1. Se somado a 2, retorna o valor 3.

Agora, tente interagir com os exemplos abaixo:

1. **Criação de vetores:** `v <- c(1, 2, 3, 4, 5)`
2. **Criação de matrizes:** `m <- matrix(1:9, nrow = 3, ncol = 3)`
3. **Criação de listas:** `l <- list(nome = "João", idade = 30, altura = 1.75)`
4. **Criação de data frames:** `df <- data.frame(nome = c("João", "Maria"),  
idade = c(30, 25))`

**Exemplo:** produzindo um *data frame* (quadro de dados)



#### 8.2.4.2 Operações básicas

O R pode ser usado como uma calculadora simples, realizando operações aritméticas básicas como adição (+), subtração (-), multiplicação (\*), divisão (/) e potenciação (^). Além disso, o R também suporta operadores relacionais como menor (<), menor ou igual (<=), maior (>), maior ou igual (>=), igual (==) e diferente (!=).

Aqui estão alguns exemplos de operações básicas no R:

1. **Adição:** “3 + 2” resulta em 5
2. **Subtração:** “5 - 2” resulta em 3
3. **Multiplicação:** “3 \* 2” resulta em 6
4. **Divisão:** “6 / 2” resulta em 3
5. **Potenciação:** “2 ^ 3” resulta em 8

Além disso, o R suporta operações com vetores e matrizes. Por exemplo, se você tem dois vetores de mesmo comprimento, pode somá-los diretamente: “c(1, 2, 3) + c(4, 5, 6)” resulta em “c(5, 7, 9)”.

#### 8.2.4.3 Manipulação de dados

O R também oferece uma variedade de funções para manipulação de dados. Por exemplo, você pode acessar elementos de um vetor usando o operador de colchetes ([ ]). Se você tem um vetor “x <- c(1, 2, 3, 4, 5)”, pode acessar o terceiro elemento com “x[3]”, que resulta em 3.

Além disso, o R permite a manipulação de *strings*. Por exemplo, você pode criar duas variáveis que armazenam a primeira letra do seu primeiro e segundo nome, e então compará-las usando operadores lógicos.

Esses são apenas alguns exemplos da sintaxe básica e operações no R. A linguagem R é extremamente poderosa e flexível, permitindo uma ampla gama de manipulações de dados e análises estatísticas. Não se preocupe se encontrou erros ou se ainda não conseguiu utilizar todos os códigos de exemplo. Continue lendo o material do curso e praticando, é o melhor caminho para o aprendizado eficaz da linguagem R.

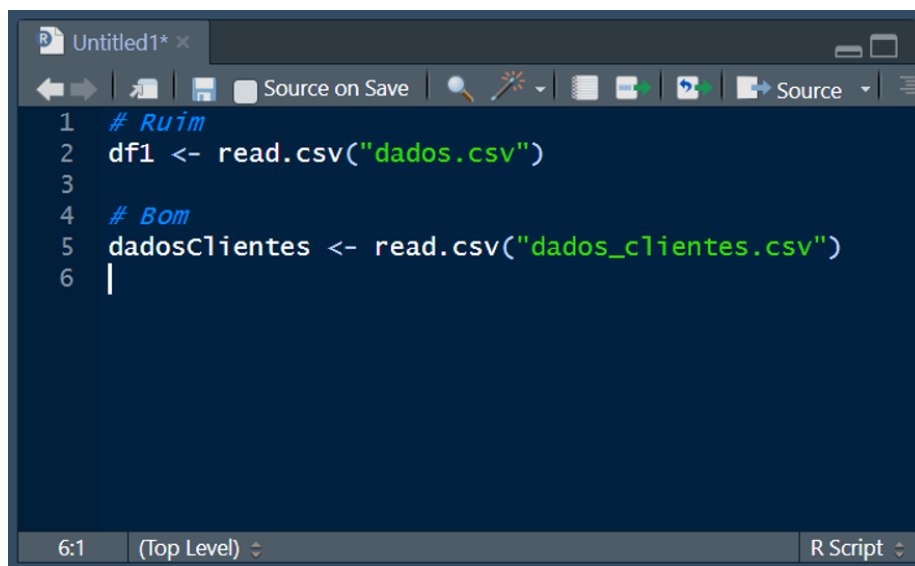
#### 8.2.5 Escrevendo código eficiente e legível

Escrever código eficiente e legível em R é fundamental para garantir a manutenção, compreensão e colaboração em projetos de programação. A

linguagem R, amplamente utilizada em estatística e análise de dados, oferece diversas funcionalidades que, quando bem aproveitadas, podem melhorar significativamente a qualidade do código. Abaixo, apresentamos algumas recomendações práticas acompanhadas de exemplos para escrever um código mais limpo, eficiente e legível em R.

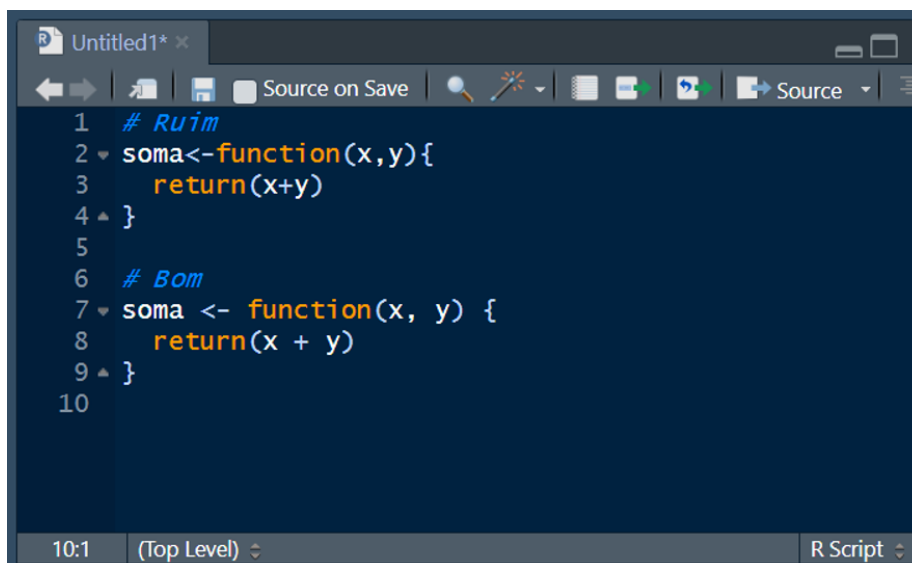
### 8.2.5.1 Convenções de nomenclatura

Utilize nomes significativos e autoexplicativos para variáveis e funções. Isso facilita a compreensão do propósito de cada componente do código:

A screenshot of an R script editor window titled 'Untitled1\*'. The editor shows a script with six lines of code. Lines 1 and 2 are grouped under a comment '# Ruim' (Poor), and lines 4 and 5 are grouped under a comment '# Bom' (Good). The code demonstrates inconsistent naming conventions for variables and file names. Line 2 uses 'df1' and 'dados.csv', while line 5 uses 'dadosClientes' and 'dados\_clientes.csv'. The editor has a dark theme and a toolbar at the top with icons for navigation and execution. The status bar at the bottom indicates '6:1 (Top Level)' and 'R Script'.

### 8.2.5.2 Formatação consistente

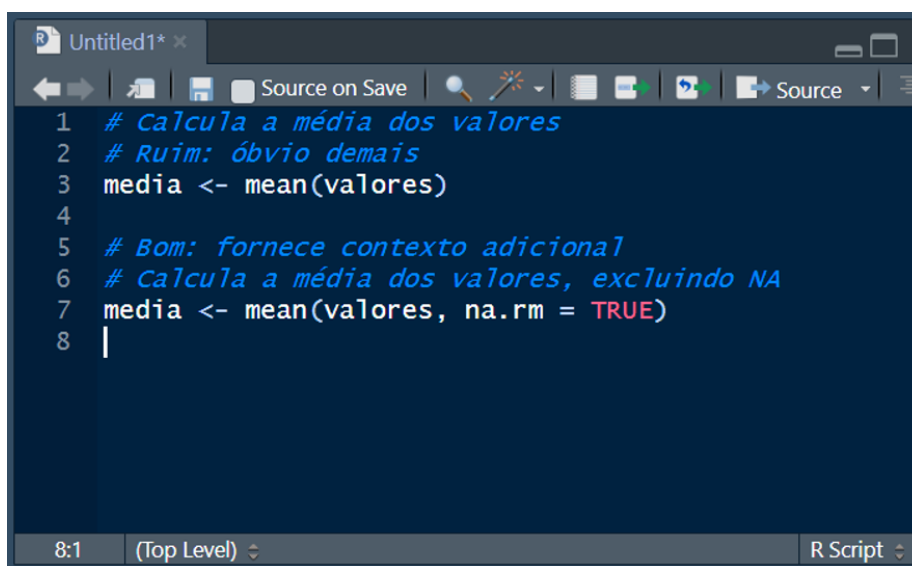
Mantenha um padrão de recuo, espaçamento e formatação. Isso torna o código mais organizado e fácil de ler:



```
1 # Ruim
2 soma<-function(x,y){
3   return(x+y)
4 }
5
6 # Bom
7 soma <- function(x, y) {
8   return(x + y)
9 }
10
```

### 8.2.5.3 Comentários e documentação

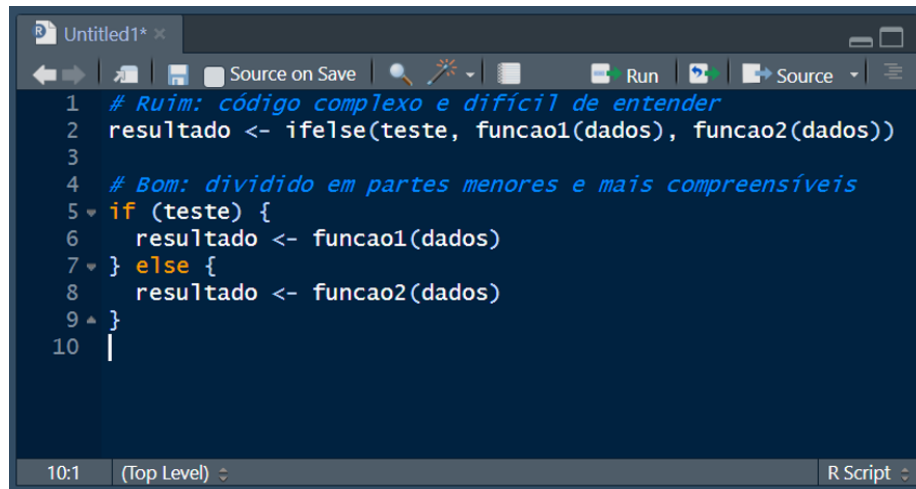
Inclua comentários relevantes que expliquem o propósito e a funcionalidade do código. Evite comentários óbvios e mantenha-os atualizados:



```
1 # Calcula a média dos valores
2 # Ruim: óbvio demais
3 media <- mean(valores)
4
5 # Bom: fornece contexto adicional
6 # Calcula a média dos valores, excluindo NA
7 media <- mean(valores, na.rm = TRUE)
8 |
```

#### 8.2.5.4 Simplicidade e modularidade

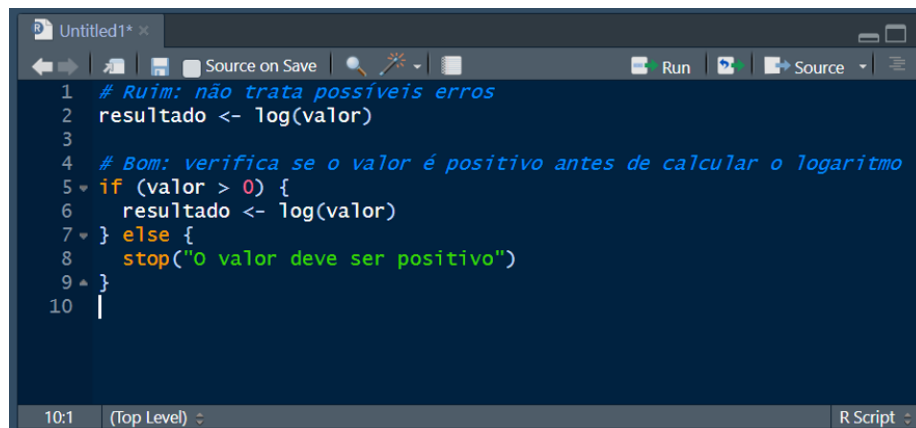
Evite complexidade desnecessária. Divida o código em funções e módulos pequenos e reutilizáveis:



```
1 # Ruim: código complexo e difícil de entender
2 resultado <- ifelse(teste, funcao1(dados), funcao2(dados))
3
4 # Bom: dividido em partes menores e mais compreensíveis
5 if (teste) {
6   resultado <- funcao1(dados)
7 } else {
8   resultado <- funcao2(dados)
9 }
10 |
```

#### 8.2.5.5 Tratamento de erros

Manipule e documente adequadamente quaisquer condições de erro para evitar falhas inesperadas:

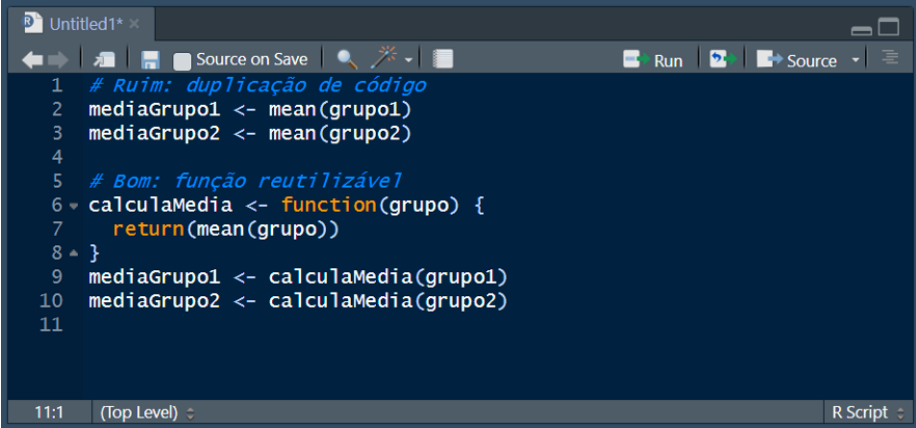


```
1 # Ruim: não trata possíveis erros
2 resultado <- log(valor)
3
4 # Bom: verifica se o valor é positivo antes de calcular o logaritmo
5 if (valor > 0) {
6   resultado <- log(valor)
7 } else {
8   stop("O valor deve ser positivo")
9 }
10 |
```

#### 8.2.5.6 Evitar duplicações de código

Reutilize trechos de código e crie funções ou classes para evitar repetições desnecessárias:

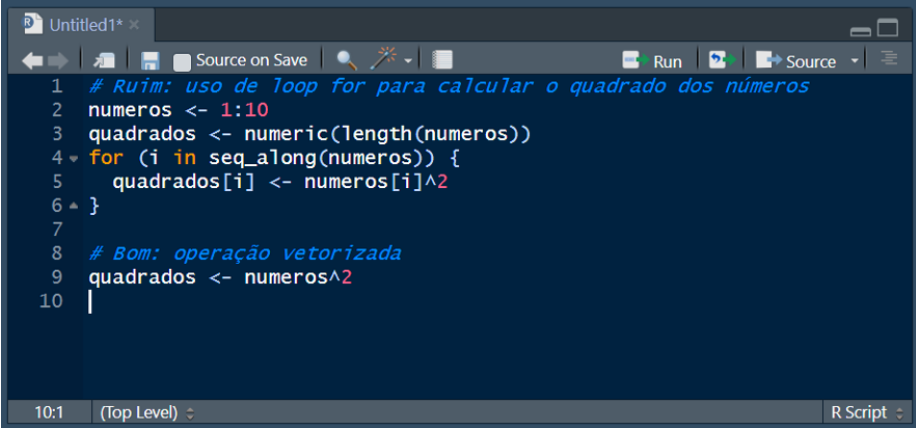




```
1 # Ruim: duplicação de código
2 mediaGrupo1 <- mean(grupo1)
3 mediaGrupo2 <- mean(grupo2)
4
5 # Bom: função reutilizável
6 calculaMedia <- function(grupo) {
7   return(mean(grupo))
8 }
9 mediaGrupo1 <- calculaMedia(grupo1)
10 mediaGrupo2 <- calculaMedia(grupo2)
11
```

### 8.2.5.7 Vetorização

R é uma linguagem vetorizada, o que significa que muitas operações podem ser realizadas sem o uso explícito de *loops*, tornando o código mais eficiente:



```
1 # Ruim: uso de loop for para calcular o quadrado dos números
2 numeros <- 1:10
3 quadrados <- numeric(length(numeros))
4 for (i in seq_along(numeros)) {
5   quadrados[i] <- numeros[i]^2
6 }
7
8 # Bom: operação vetorizada
9 quadrados <- numeros^2
10 |
```

Seguindo essas práticas, é possível escrever código em R que não apenas atenda aos requisitos funcionais, mas também seja fácil de ler, entender e manter. A chave é sempre buscar a clareza, a simplicidade e a eficiência, facilitando assim o trabalho tanto do autor do código quanto de outros desenvolvedores que possam trabalhar com ele no futuro.

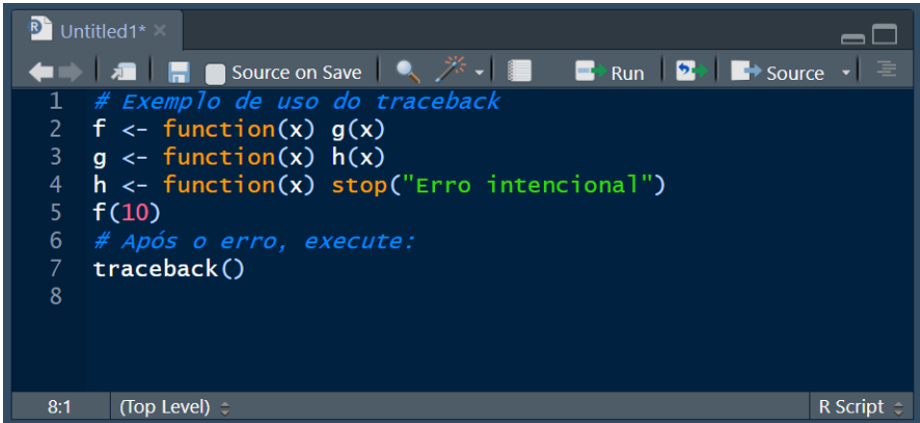
### 8.2.6 Depuração e tratamento de erros em R

Escrever código que funcione corretamente é apenas uma parte do desenvolvimento de software; a outra parte é garantir que o código continue funcionando e que possa ser corrigido quando surgirem problemas. A depuração e o tratamento

de erros são habilidades essenciais para qualquer programador, e na linguagem R não é diferente. Abaixo estão algumas estratégias e ferramentas para depuração e tratamento de erros em R, acompanhadas de exemplos práticos.

### 8.2.6.1 Depuração interativa

A depuração interativa permite que você inspecione o estado do seu programa R enquanto ele está sendo executado. O RStudio oferece ferramentas integradas para isso, como o inspetor de erros e a função `'traceback()'`, que lista a sequência de chamadas que levaram ao erro. Além disso, o RStudio possui ferramentas como “Rerun with Debug” e `'options(error = browser())'`, que abrem uma sessão interativa onde o erro ocorreu.

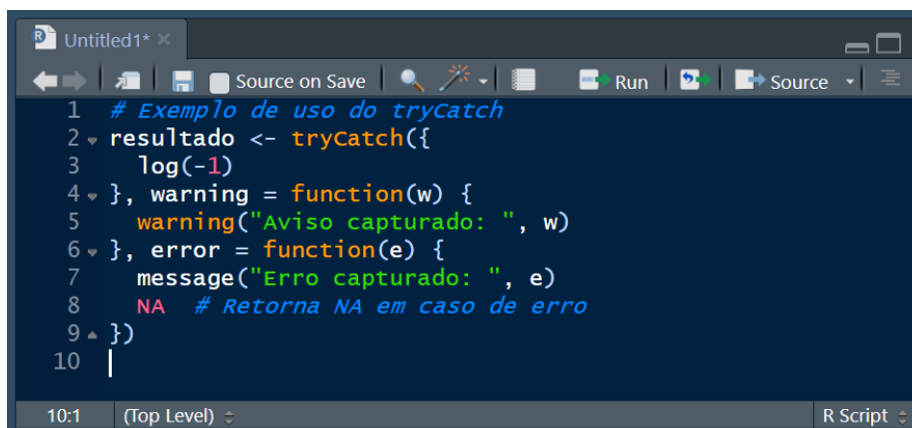
A screenshot of the RStudio editor interface. The title bar shows 'Untitled1\*'. The toolbar includes icons for navigation, saving, and running code. The script content is as follows:

```
1 # Exemplo de uso do traceback
2 f <- function(x) g(x)
3 g <- function(x) h(x)
4 h <- function(x) stop("Erro intencional")
5 f(10)
6 # Após o erro, execute:
7 traceback()
8
```

The status bar at the bottom indicates '8:1' and '(Top Level)'. The file type is identified as 'R Script'.

### 8.2.6.2 Tratamento de erros com tryCatch

A função `'tryCatch()'` é a principal ferramenta para lidar com erros e avisos em R. Ela permite que você especifique funções manipuladoras que controlam o que acontece quando uma condição é sinalizada.

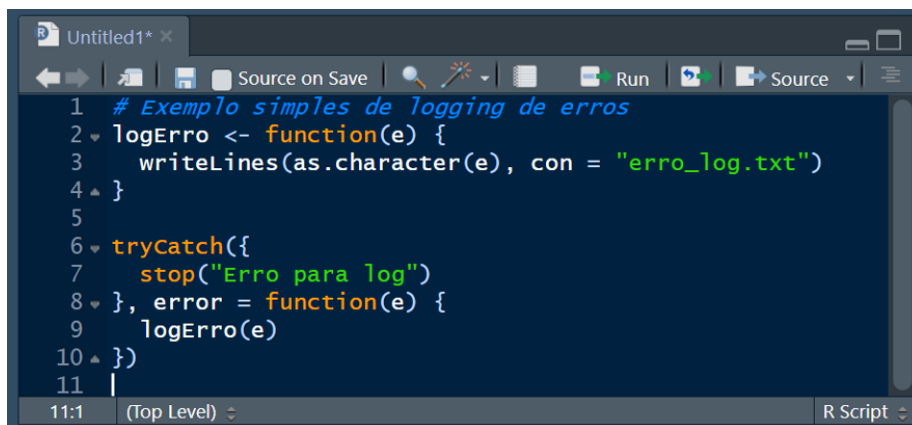
A screenshot of an R script editor window titled 'Untitled1\*'. The editor has a dark blue background with light blue, green, and red syntax highlighting. The code is as follows:

```
1 # Exemplo de uso do tryCatch
2 resultado <- tryCatch({
3   log(-1)
4 }, warning = function(w) {
5   warning("Aviso capturado: ", w)
6 }, error = function(e) {
7   message("Erro capturado: ", e)
8   NA # Retorna NA em caso de erro
9 })
10 |
```

The status bar at the bottom shows '10:1 (Top Level)' and 'R Script'.

### 8.2.6.3 Logging de erros

Registrar erros é uma prática padrão no desenvolvimento de software. Em R, você pode usar pacotes de *logging* ou simplesmente registrar erros em um arquivo JSON ou em um banco de dados. Isso é especialmente útil em aplicativos de produção, como aplicativos shiny ou APIs REST.

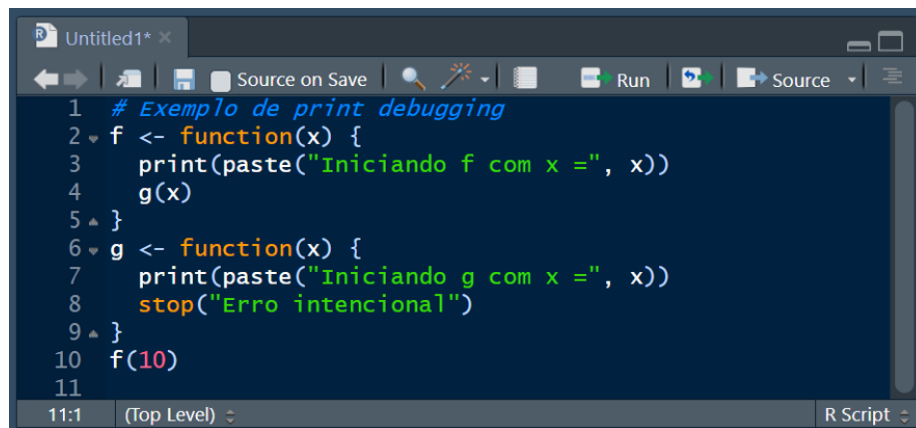
A screenshot of an R script editor window titled 'Untitled1\*'. The editor has a dark blue background with light blue, green, and red syntax highlighting. The code is as follows:

```
1 # Exemplo simples de logging de erros
2 logErro <- function(e) {
3   writeLines(as.character(e), con = "erro_log.txt")
4 }
5
6 tryCatch({
7   stop("Erro para log")
8 }, error = function(e) {
9   logErro(e)
10 })
11 |
```

The status bar at the bottom shows '11:1 (Top Level)' and 'R Script'.

### 8.2.6.4 Debugging com print

Se as ferramentas de depuração não ajudarem, uma boa alternativa é o “print debugging”, onde você insere vários comandos ‘print()’ para localizar precisamente o problema e ver os valores das variáveis importantes. É um método lento e primitivo, mas sempre funciona.



```
1 # Exemplo de print debugging
2 f <- function(x) {
3   print(paste("Iniciando f com x =", x))
4   g(x)
5 }
6 g <- function(x) {
7   print(paste("Iniciando g com x =", x))
8   stop("Erro intencional")
9 }
10 f(10)
11
```

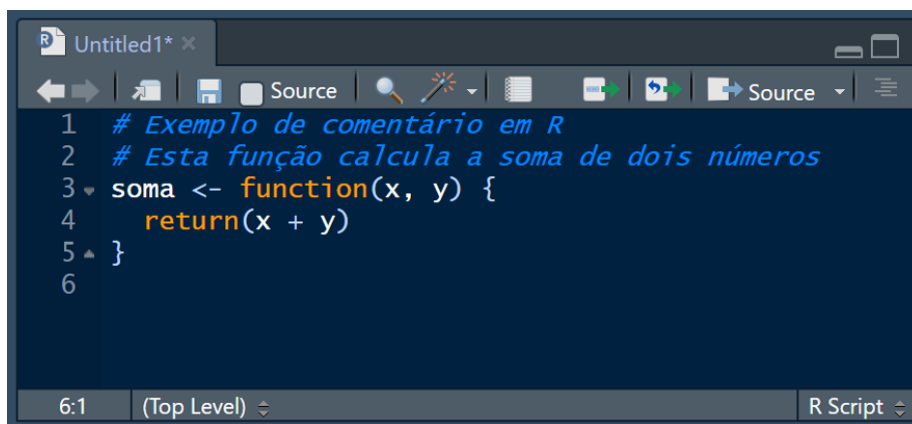
A depuração e o tratamento de erros são partes cruciais do desenvolvimento em R. Utilizar as ferramentas e estratégias corretas pode economizar tempo e evitar a perda de dados ou resultados importantes. É essencial criar mensagens de erro claras e informativas e documentar o significado dos erros que seu software pode gerar. A experiência e a prática levarão a uma maior maestria na depuração e no tratamento de erros em R.

## 8.2.7 Documentando e compartilhando seu código

Documentar e compartilhar seu código são práticas essenciais para qualquer programador, especialmente para iniciantes em programação que estão aprendendo a linguagem R. Essas práticas não apenas facilitam a colaboração e a revisão por outros, mas também ajudam o próprio autor a entender e manter seu código ao longo do tempo.

### 8.2.7.1 Documentação de código

A documentação é a primeira linha de comunicação entre o programador e quem vai ler o código depois, seja o próprio autor em um momento futuro ou outros programadores. Em R, a documentação pode ser feita diretamente no código, usando comentários, e de forma mais estruturada, usando pacotes como o ‘roxygen2’ (Wickham et al. 2024), que permite criar uma documentação que pode ser convertida em um manual de ajuda para o pacote.



```
1 # Exemplo de comentário em R
2 # Esta função calcula a soma de dois números
3 soma <- function(x, y) {
4   return(x + y)
5 }
6
```

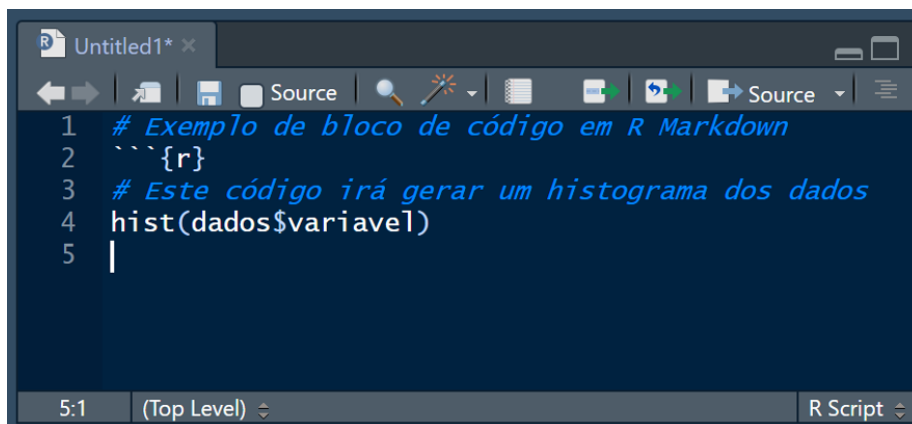
The screenshot shows an R script editor window titled 'Untitled1\*'. The script contains a function definition for calculating the sum of two numbers. The code is as follows:

### 8.2.7.2 Compartilhamento de código

O compartilhamento de código em R pode ser feito de várias maneiras. Uma das mais comuns é através de scripts, que são arquivos de texto com extensão ‘.R’. Esses scripts podem ser compartilhados por e-mail, repositórios de código como GitHub ou plataformas como RPubS, onde é possível publicar análises e códigos para que outros possam ver e usar.

### 8.2.7.3 R Markdown

Uma ferramenta poderosa para documentar e compartilhar análises em R é o R Markdown (Baumer and Udwin 2015). Com ele, é possível combinar texto narrativo com código R que pode ser executado para gerar resultados, que são automaticamente incluídos no documento. Isso é particularmente útil para relatórios, onde a análise e os resultados precisam ser apresentados de forma clara e reproduzível.



```
1 # Exemplo de bloco de código em R Markdown
2 ```{r}
3 # Este código irá gerar um histograma dos dados
4 hist(dados$variavel)
5 |
```

The screenshot shows an R script editor window titled 'Untitled1\*'. The script contains R Markdown code for generating a histogram. The code is as follows:

### 8.2.8 Introdução à análise estatística com R

A análise estatística é uma parte fundamental da linguagem de programação R, que foi originalmente desenvolvida com um forte foco em estatística e análise de dados. Aqui está uma introdução detalhada à análise estatística com R.

R é uma linguagem de programação e um ambiente de software para análise estatística e gráficos. Ele fornece uma ampla variedade de técnicas estatísticas, incluindo regressão linear e não linear, análise de séries temporais, classificação, agrupamento e muito mais. Além disso, R é altamente extensível através de pacotes, que são bibliotecas de funções desenvolvidas pela comunidade para estender a funcionalidade do R.

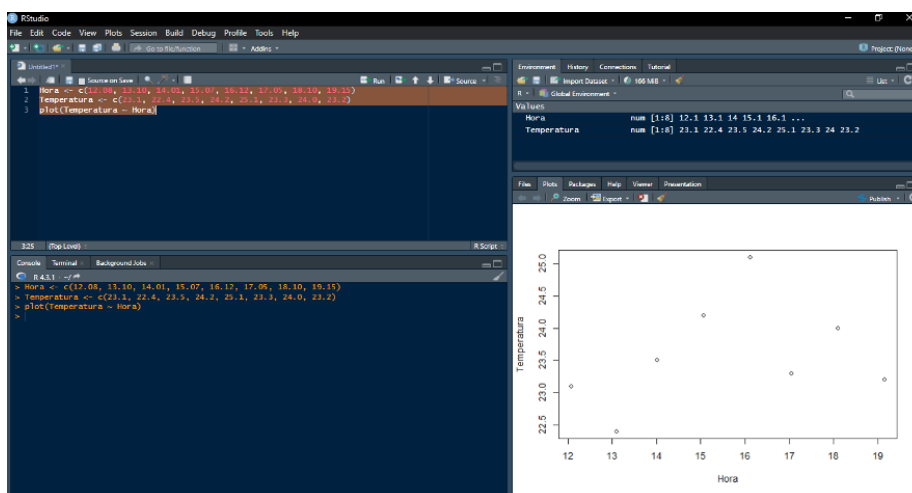
#### 8.2.8.1 Estatística Descritiva

A estatística descritiva é a primeira etapa na análise de dados. Ela envolve resumir e organizar os dados de maneira que possam ser facilmente compreendidos. As funções básicas do R para estatística descritiva incluem `mean()` para calcular a média, `median()` para a mediana, `sd()` para o desvio padrão, `var()` para a variância, `min()` e `max()` para os valores mínimo e máximo, respectivamente, e `summary()` para obter um resumo estatístico dos dados. As funções mencionadas acima já foram exemplificadas no módulo 2. Tente aplicar essas funções em um novo exemplo (ex.: `vet1 <- c(1,4,8,3,4,6,7,8,2,6,8,9,2,1,)`).

#### 8.2.8.2 Visualização de dados

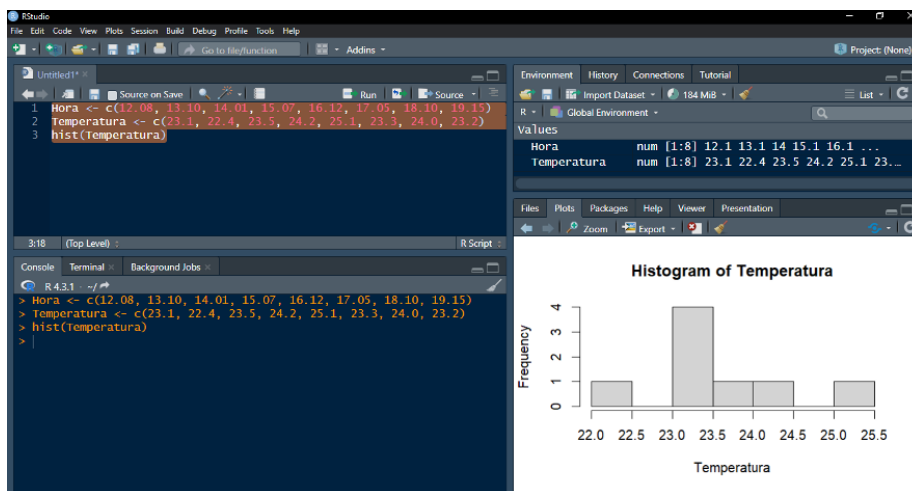
A visualização de dados é uma parte importante da análise estatística. R fornece várias ferramentas para criar gráficos e visualizações de dados. As funções básicas incluem `plot()` para criar gráficos de dispersão, `hist()` para histogramas, `boxplot()` para boxplots e `barplot()` para gráficos de barras. Além disso, o pacote `ggplot2` oferece uma poderosa e flexível estrutura para criar gráficos complexos. O pacote `ggplot2` será explorado em mais detalhes no próximo módulo.

**Exemplo:** usando a função `plot()`



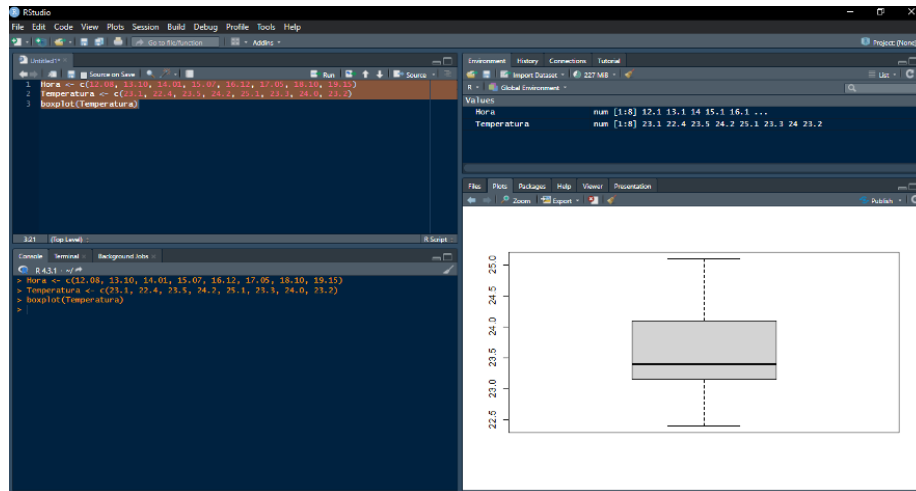
\*Dois vetores, “Hora” e “Temperatura”, foram criados e depois inseridos na função “plot()”. Note que a sintaxe da função foi “plot(Temperatura ~ Hora)”, que é o equivalente de dizer “Temperatura em função da Hora” em linguagem R. O mesmo resultado pode ser obtido informando qual vetor ocupa qual eixo: “plot(x = Hora, y = Temperatura)”.

**Exemplo:** criando um histograma com a função “hist()”



\*Utilizando o vetor “Temperatura” do exemplo anterior, criou-se um histograma com a função “hist()”. Note como temperaturas entre 23,0 e 23,5 °C são mais comuns do que as outras medidas ao longo do intervalo de tempo avaliado.

**Exemplo:** criando um boxplot com a função “boxplot()”

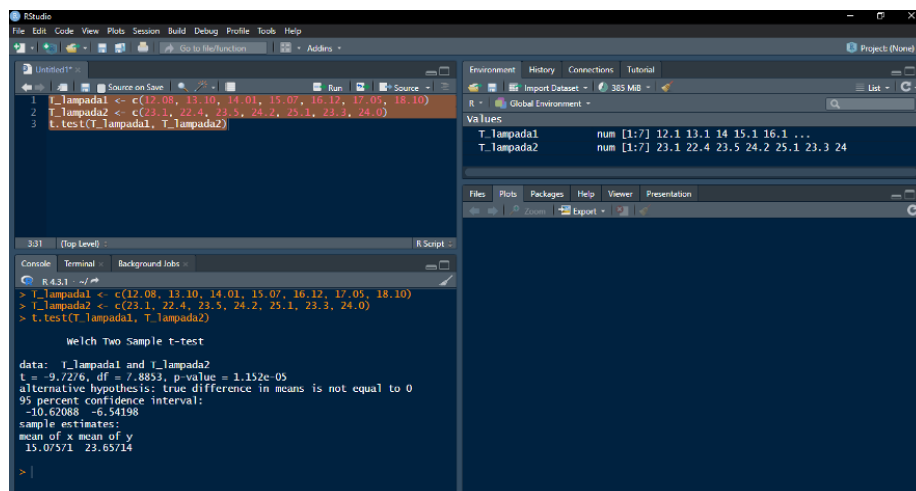


\*Utilizando a mesma estratégia do exemplo anterior, um diagrama de caixa (*boxplot*) foi criado através da função “`boxplot()`”. Se desejar, leia mais sobre como interpretar um *boxplot*, e pratique com novos exercícios.

### 8.2.8.3 Estatística inferencial

A estatística inferencial é o processo de usar os dados de uma amostra para inferir propriedades da população. Isso envolve a realização de testes de hipóteses para determinar se um resultado observado é devido ao acaso ou a algum fator subjacente. As funções básicas do R para estatística inferencial incluem ‘`t.test()`’ para o teste t, ‘`chisq.test()`’ para o teste do qui-quadrado, ‘`cor.test()`’ para o teste de correlação, e ‘`lm()`’ para a regressão linear.

**Exemplo:** realizando um teste de hipóteses com dois vetores numéricos



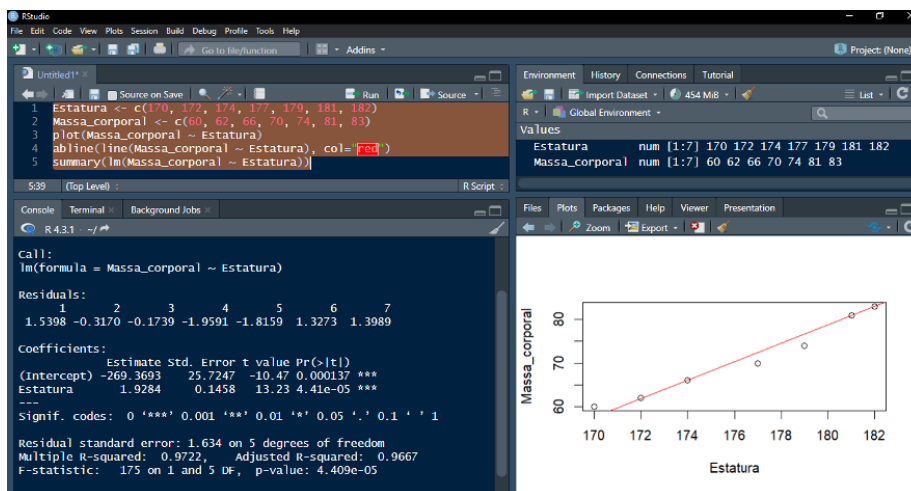


\*Suponhamos que as temperaturas superficiais de duas lâmpadas tenham sido medidas repetidas vezes. Agora, podemos comparar esses vetores numéricos (“T\_lampada1” e “T\_lampada2”) considerando a hipótese de que a diferença verdadeira entre as médias de ambos os vetores é igual a 0. Como se observa, a função “t.test( )” retorna uma probabilidade muito baixa ( $p = 0.00001152$ ) de que os dois vetores tenham surgido de uma mesma distribuição. Em outras palavras, podemos atribuir confiança razoável de que ambas as lâmpadas possuam temperaturas médias distintas.

#### 8.2.8.4 Modelagem estatística

A modelagem estatística é o processo de desenvolver um modelo matemático que descreve uma relação entre variáveis. R fornece várias funções para modelagem estatística, incluindo ‘lm()’ para regressão linear, ‘glm()’ para regressão linear generalizada, ‘anova()’ para análise de variância, e ‘arima()’ para modelagem de séries temporais.

**Exemplo:** avaliando a correlação entre dois vetores numéricos com a função “lm( )”



\*Dados de estatura e massa corporal de diversas pessoas foram armazenados em vetores numéricos. Um gráfico da relação entre as duas variáveis foi gerado com o código “plot(Massa\_corporal ~ Estatura)”, seguido da linha vermelha “abline(line(Massa\_corporal ~ Estatura), col=”red”)”. Como a relação entre estatura e massa corporal parecem proporcionais, a função “lm( )” foi utilizada para medir a associação entre os dois vetores. De acordo com o valor de R-quadrado (“R-squared”) da função “summary(lm(Massa\_corporal ~ Estatura))”, 97 % da variação na massa corporal pode ser explicada pela variação observada na estatura. No exemplo, a função “summary( )” é usada para detalhar os resultados do modelo de regressão linear calculado pela função “lm(

)”.

R é uma ferramenta poderosa para análise estatística, oferecendo uma ampla gama de funções para estatística descritiva, visualização de dados, estatística inferencial e modelagem estatística. Aprender a usar R para análise estatística pode abrir novas oportunidades para a exploração e compreensão de dados.

### 8.2.9 Usando R para estatísticas descritivas

A linguagem de programação R é uma ferramenta poderosa para a realização de estatísticas descritivas, que são métodos utilizados para resumir e organizar um conjunto de dados de maneira que possam ser facilmente compreendidos. Abaixo, você encontrará uma explanação detalhada de como usar R para estatísticas descritivas. Exemplos dessas funções podem ser encontradas no módulo 2, mas é recomendado que você pratique os códigos deste módulo em seu ambiente RStudio.

#### 8.2.9.1 Medidas de tendência central

As medidas de tendência central são estatísticas que indicam onde os dados estão centrados. As principais medidas de tendência central são a média, a mediana e a moda.

1. **Média:** a média de um conjunto de dados é calculada somando todos os valores e dividindo pelo número de valores. No R, a média é calculada usando a função ‘mean()’. Por exemplo, ‘mean(c(1, 2, 3, 4, 5))’ calcula a média do vetor de números de 1 a 5.
2. **Mediana:** a mediana é o valor que divide os dados ao meio quando estão ordenados. No R, a mediana é calculada usando a função ‘median()’. Por exemplo, ‘median(c(1, 2, 3, 4, 5))’ calcula a mediana do vetor de números de 1 a 5.
3. **Moda:** a moda é o valor mais frequente em um conjunto de dados. R não tem uma função embutida para calcular a moda, mas pode ser calculada usando funções de outros pacotes ou escrevendo sua própria função.

#### 8.2.9.2 Medidas de dispersão

As medidas de dispersão são estatísticas que indicam o quanto os dados estão espalhados. As principais medidas de dispersão são a variância, o desvio padrão e a amplitude.

1. **Variância:** a variância é uma medida da dispersão que indica o quanto os valores se desviam da média. No R, a variância é calculada usando a função `'var()'`. Por exemplo, `'var(c(1, 2, 3, 4, 5))'` calcula a variância do vetor de números de 1 a 5.
2. **Desvio padrão:** o desvio padrão é a raiz quadrada da variância e fornece uma medida de dispersão que está na mesma unidade que os dados. No R, o desvio padrão é calculado usando a função `'sd()'`. Por exemplo, `'sd(c(1, 2, 3, 4, 5))'` calcula o desvio padrão do vetor de números de 1 a 5.
3. **Amplitude:** a amplitude é a diferença entre o maior e o menor valor em um conjunto de dados. No R, a amplitude pode ser calculada subtraindo o resultado da função `'min()'` do resultado da função `'max()'`. Por exemplo, `'max(c(1, 2, 3, 4, 5)) - min(c(1, 2, 3, 4, 5))'` calcula a amplitude do vetor de números de 1 a 5.

### 8.2.9.3 Resumo dos dados

A função `'summary()'` no R fornece um resumo estatístico dos dados, incluindo a média, a mediana, o mínimo, o máximo, o primeiro quartil e o terceiro quartil. Por exemplo, `'summary(c(1, 2, 3, 4, 5))'` fornece um resumo do vetor de números de 1 a 5.

R é uma ferramenta poderosa para estatísticas descritivas, oferecendo uma ampla gama de funções para calcular medidas de tendência central, medidas de dispersão e resumos de dados. Aprender a usar R para estatísticas descritivas pode abrir novas oportunidades para a exploração e compreensão de dados.

## 8.2.10 Estatísticas inferenciais com R

As estatísticas inferenciais com R envolvem o uso de técnicas estatísticas para fazer generalizações sobre uma população com base em uma amostra de dados. Essas técnicas são fundamentais para a tomada de decisões baseada em dados e para a pesquisa científica.

### 8.2.10.1 Conceitos básicos

Antes de realizar a inferência estatística, é importante entender alguns conceitos básicos, como população, amostra, parâmetro e estimativa. A população é o conjunto completo de observações que estão sendo estudadas, enquanto uma amostra é um subconjunto dessa população. Um parâmetro é uma medida resumida da população, como a média populacional, e uma estimativa é o correspondente calculado a partir da amostra.

### 8.2.10.2 Testes de hipóteses

Um dos pilares da inferência estatística é o teste de hipóteses. O objetivo é testar uma afirmação (hipótese) sobre um parâmetro populacional. No R, funções como `t.test()`, `chisq.test()` e `anova()` são usadas para realizar diferentes tipos de testes de hipóteses.

Por exemplo, o `t.test()` é usado para comparar as médias de duas amostras e determinar se elas são significativamente diferentes. O teste do qui-quadrado (`chisq.test()`) é frequentemente usado para testar a independência entre duas variáveis categóricas. A análise de variância (ANOVA), realizada através da função `anova()`, é usada para comparar as médias de três ou mais grupos.

### 8.2.10.3 Intervalos de confiança

Outra ferramenta importante na inferência estatística é o intervalo de confiança, que fornece um intervalo estimado dentro do qual é provável que o parâmetro populacional esteja. No R, o `t.test()` e outras funções de teste fornecem intervalos de confiança como parte de seus resultados.

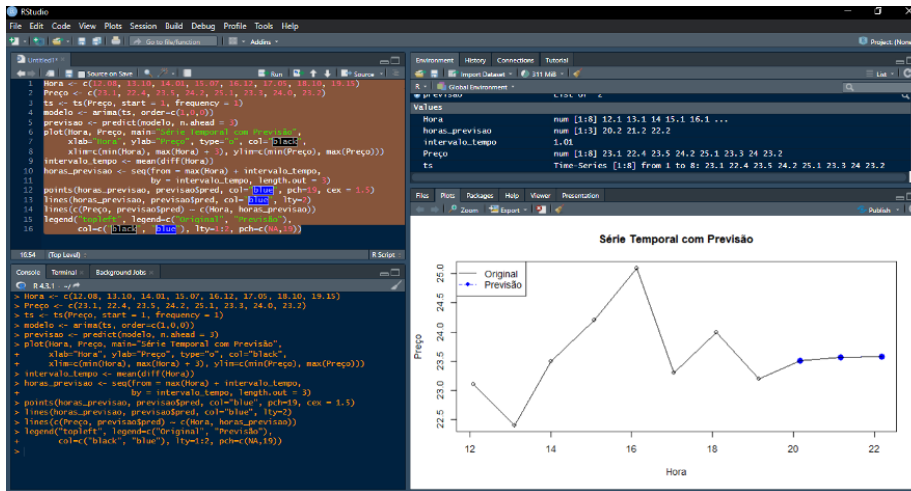
### 8.2.10.4 Regressão e correlação

A análise de regressão é usada para entender a relação entre variáveis. No R, a função `lm()` é usada para realizar regressão linear, que modela a relação entre uma variável dependente e uma ou mais variáveis independentes. A correlação, que mede a força e a direção da relação linear entre duas variáveis, pode ser calculada com a função `cor()`.

### 8.2.10.5 Análise de séries temporais

A análise de séries temporais é um tipo de inferência estatística que lida com dados coletados ao longo do tempo. No R, funções como `ts()` para criar objetos de séries temporais e `arima()` para modelagem de séries temporais são usadas para analisar como os dados mudam ao longo do tempo.

**Exemplo:** utilizando a função `arima()` para prever uma série temporal



\*Utilizando os dados de tempo e variação do preço de uma determinada ação, podemos aplicar a função “`arima()`” para criar um modelo e prever a variação de preço para as próximas 3 horas. Veja como o gráfico representa a série temporal original seguida de três pontos (azuis) informando a variação futura prevista.

A inferência estatística no R é uma área vasta e complexa, que requer um entendimento sólido de teoria estatística e a habilidade de aplicar essa teoria usando o R. As funções e pacotes disponíveis no R tornam a linguagem uma ferramenta poderosa para realizar análises inferenciais e extrair insights significativos de dados amostrais.

## 8.2.11 Fundamentos da visualização de dados em R

A visualização é uma etapa crucial na análise de dados, pois permite aos analistas e cientistas de dados entender e interpretar os dados de maneira eficaz, além de comunicar suas descobertas de forma clara. No R, uma linguagem de programação amplamente utilizada para estatística e análise de dados, existem várias ferramentas e pacotes dedicados à visualização de dados. Aqui está uma explanação detalhada sobre os fundamentos da visualização de dados em R.

### 8.2.11.1 Gráficos base do R

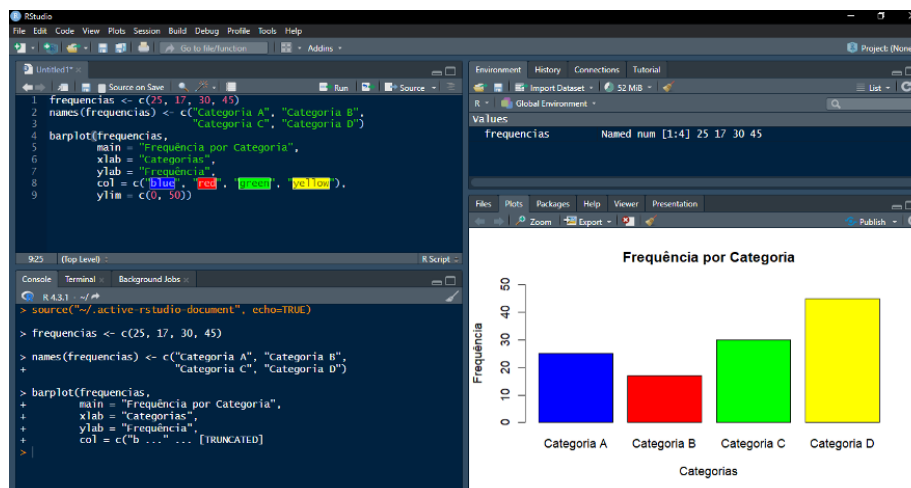
O R possui um sistema de gráficos base que permite a criação de uma ampla variedade de gráficos, incluindo gráficos de linhas, barras, histogramas, box-plots, e scatter plots. Esses gráficos são gerados usando funções simples, como ‘`plot()`’, ‘`hist()`’, ‘`barplot()`’, e ‘`boxplot()`’. Por exemplo, a função ‘`plot()`’ pode ser usada para criar gráficos de dispersão ou linhas, dependendo dos argumentos fornecidos. A função ‘`hist()`’ é usada para criar histogramas, que são úteis para

visualizar a distribuição de uma única variável numérica. Veja, abaixo, uma lista de gráficos comuns em *Base R*:

1. **Gráficos de dispersão (scatter plots):** utilizados para visualizar a relação entre duas variáveis numéricas. A função ‘plot()’ é a mais comum para criar esses gráficos.
2. **Histogramas:** usados para representar a distribuição de uma única variável numérica. A função ‘hist()’ é utilizada para gerar histogramas.
3. **Gráficos de linhas:** úteis para visualizar dados ao longo do tempo ou sequências ordenadas. A função ‘plot()’ também pode ser usada para criar gráficos de linhas, alterando o tipo de ponto para uma linha.
4. **Gráficos de barras:** permitem comparar quantidades entre diferentes grupos. As funções ‘barplot()’ ou ‘hist()’ podem ser usadas para criar gráficos de barras.
5. **Boxplots:** fornecem uma representação visual da distribuição de uma variável numérica, destacando a mediana, os quartis e os valores discrepantes. A função ‘boxplot()’ é usada para criar boxplots.

Vamos praticar um exemplo da função “barplot( )”.

**Exemplo:** criando um gráfico de barras com a função “barplot( )”



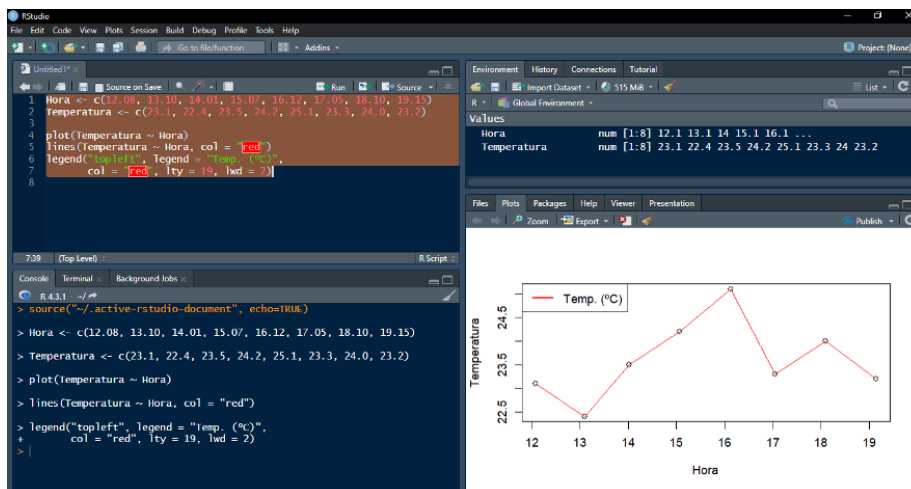
\*Considerando um vetor contendo a contagem de frequências para quatro categorias distintas (Categorias A, B, C e D), um gráfico de barras pode ser gerado com a função “barplot( )”. Também é possível personalizar diversos aspectos do gráfico dentro da função: “main” = título do gráfico; “xlab” = título do eixo x; “ylab” = título do eixo y; “col” = cor de preenchimento das barras; “ylim” = limites numéricos do eixo y.

### 8.2.11.2 Personalização de gráficos

Os gráficos base do R são altamente personalizáveis. Você pode modificar títulos, rótulos dos eixos, cores, tipos de linhas e pontos, e muito mais, usando argumentos adicionais nas funções de plotagem. Por exemplo, você pode usar o argumento ‘main’ para adicionar um título ao gráfico, ‘xlab’ e ‘ylab’ para rótulos dos eixos X e Y, respectivamente, e ‘col’ para alterar a cor dos pontos ou linhas.

Também é possível sobrepor elementos gráficos em R base. Por exemplo, você pode gerar uma linha que conecta todos os pontos em um gráfico de dispersão (“plot( )” + “lines( )”), ou até mesmo adicionar uma legenda para diferentes barras (“barplot( )” + “legend( )”).

**Exemplo:** sobrepondo elementos gráficos em R base



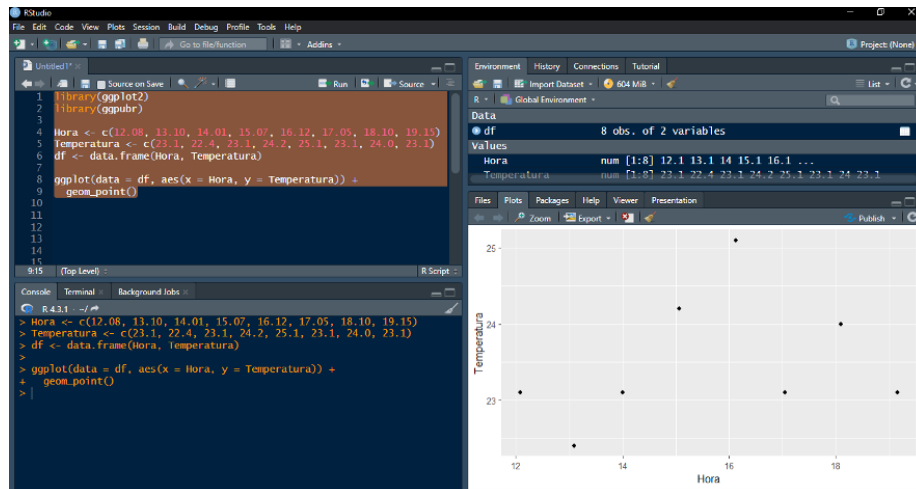
\*No exemplo acima, um gráfico de dispersão foi criado utilizando a função “plot( )”. Logo abaixo, uma função “lines( )” cria uma linha vermelha que conecta todos os pontos do gráfico. Finalmente, a função “legend( )” permite a criação de uma legenda para os dados.

### 8.2.11.3 O pacote ggplot2

Além do sistema de gráficos base, o R oferece o pacote ‘ggplot2’ (lembre-se que pacotes devem ser instalados no primeiro uso e importados sempre que utilizados em uma nova sessão), que é baseado nos princípios da “Gramática dos Gráficos”. O ‘ggplot2’ permite a construção de gráficos complexos de maneira incremental, adicionando camadas de elementos gráficos. Um gráfico no ‘ggplot2’ começa com a função ‘ggplot()’, à qual são adicionadas camadas usando o operador ‘+’. Por exemplo, você pode começar definindo os dados e as estéticas (‘aes’) e, em

seguida, adicionar uma camada para o tipo de gráfico (como ‘geom\_point()’ para um scatter plot ou ‘geom\_histogram()’ para um histograma).

**Exemplo:** criando um gráfico básico com a função “ggplot( )”



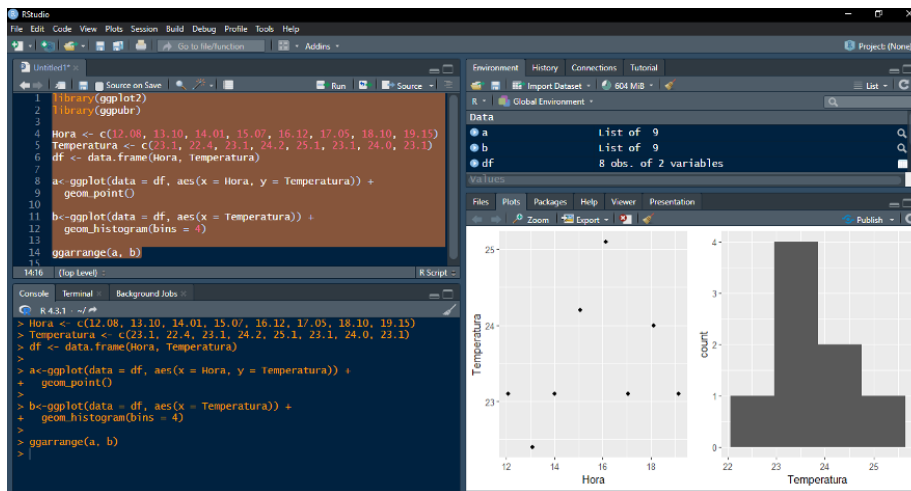
\*Primeiro, os pacotes desejados foram importados para o ambiente R. No caso do exemplo acima, “ggplot2” é o pacote necessário para gerar gráficos, enquanto “ggpubr” será utilizado para manipular a apresentação do gráfico no próximo exemplo. Antes de criar o gráfico, um data frame (“df”) foi gerado a partir dos vetores “Hora” e “Temperatura”. Depois, um objeto ggplot é criado utilizando a função “ggplot(data = df, aes(x = Hora, y = Temperatura))”; para adicionar os pontos ao gráfico, porém, é necessário adicionar um “+” ao lado da função e, em seguida, informar a função para o tipo de gráfico. No caso do exemplo, a função “geom\_point( )” cria um gráfico de dispersão simples.

Múltiplos gráficos ‘ggplot’ podem ser organizados em uma mesma figura. Uma forma de fazê-lo é com o pacote ‘ggpubr’. A função ‘ggarrange()’ no R é uma ferramenta flexível do pacote ‘ggpubr’ que permite organizar múltiplos gráficos ‘ggplot’ em uma única página, com a capacidade de especificar o número de colunas e linhas, bem como criar uma legenda comum para vários gráficos.

Por exemplo, se você tiver três gráficos diferentes armazenados nas variáveis ‘bxp’, ‘dp’ e ‘dens’, você pode organizá-los em uma grade de 2 colunas e 2 linhas usando ‘ggarrange(bxp, dp, dens, ncol = 2, nrow = 2)’. Além disso, se você deseja usar uma legenda comum para múltiplos gráficos que compartilham as mesmas estéticas, como cor ou forma, você pode fazer isso com ‘ggarrange(bxp, dp, common.legend = TRUE)’, onde ‘bxp’ e ‘dp’ são dois gráficos que você deseja combinar. Isso é particularmente útil quando você tem várias visualizações dos mesmos dados e quer evitar a repetição de legendas, tornando o resultado mais limpo e fácil de ler.

**Exemplo:** organizando mais de um gráfico por tela com “ggarrange( )”





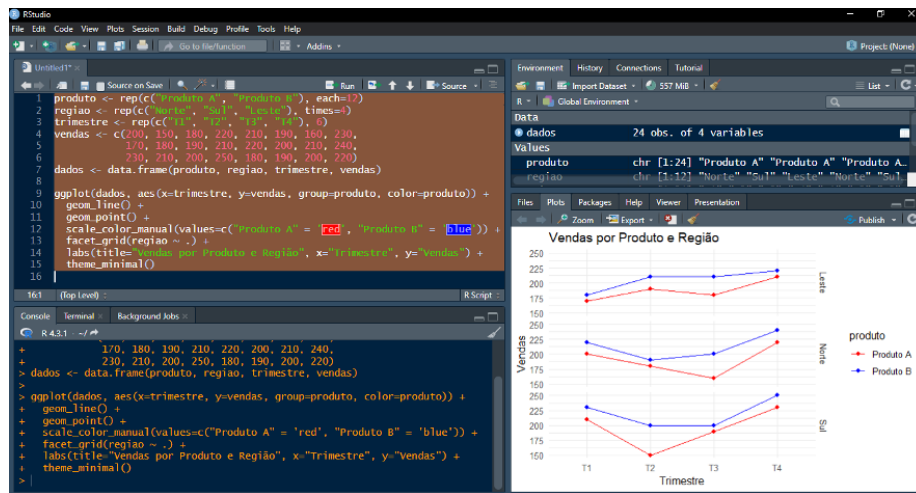
\*Utilizando uma continuação do exemplo anterior, um novo gráfico foi criado (“geom\_histogram( )”). Depois, atribuiu-se o primeiro gráfico à variável “a” e o segundo à variável “b”. Finalmente, bastou informar à função “ggarrange( )” quais gráficos devem ser organizados no mesmo plano. Tente inverter a ordem dos objetos na função “ggarrange” (ex.: “ggarrange(b, a)”).

#### 8.2.11.4 Visualização de dados multivariados

Tanto o sistema de gráficos base quanto o ‘ggplot2’ oferecem opções para visualizar dados multivariados. Por exemplo, você pode usar cores, formas ou tamanhos de pontos para representar variáveis adicionais em um scatter plot. No ‘ggplot2’, isso é feito especificando estéticas adicionais dentro da função ‘aes()’.

A facetação é uma técnica poderosa no ‘ggplot2’ que permite dividir os dados em subconjuntos e plotar cada subconjunto em seu próprio painel dentro do gráfico. Isso é útil para comparar subgrupos de dados. A facetação pode ser realizada usando as funções ‘facet\_wrap()’ ou ‘facet\_grid()’.

**Exemplo:** utilizando “facet\_grid( )” para facetar um gráfico em seus segmentos

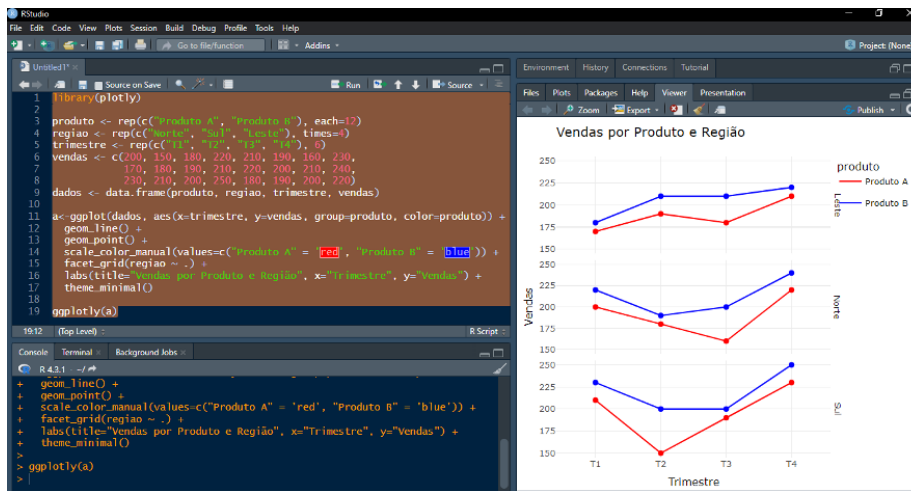


\*O código do exemplo acima cria um conjunto de dados e um gráfico correspondente. Primeiramente, são criadas quatro variáveis: 'produto', que repete os nomes "Produto A" e "Produto B" doze vezes cada; 'regiao', que repete os nomes "Norte", "Sul" e "Leste" quatro vezes cada; 'trimestre', que repete os trimestres "T1", "T2", "T3" e "T4" seis vezes; e 'vendas', que contém uma série de valores representando as vendas. Essas variáveis são combinadas em um 'data.frame' chamado 'dados'. Em seguida, utiliza-se o 'ggplot2' para criar um gráfico de linhas com pontos, onde o eixo x representa os trimestres, o eixo y as vendas, as linhas e pontos são agrupados e coloridos de acordo com o produto, e o gráfico é dividido em painéis por região utilizando a função "facet\_grid()". Além disso, são definidas cores manuais para os produtos, adicionados títulos aos eixos e ao gráfico, e aplicado um tema minimalista.

### 8.2.11.5 Extensões do ggplot2

Existem vários pacotes que estendem as capacidades do 'ggplot2', adicionando novos tipos de gráficos ou funcionalidades. Por exemplo, o pacote 'ggplotly' permite converter gráficos 'ggplot2' em gráficos interativos, e o 'gganimate' permite criar animações a partir de gráficos 'ggplot2'.

**Exemplo:** criando um gráfico interativo a partir de um ggplot com "ggplotly()"



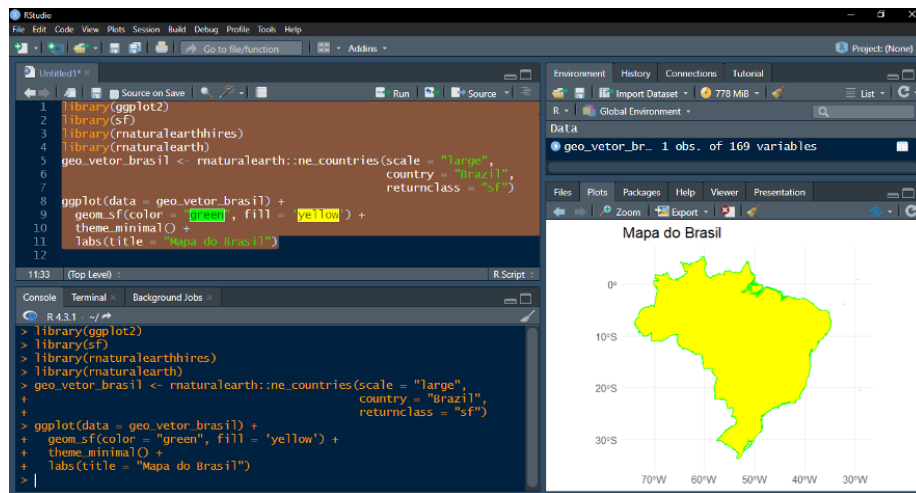
\*Baseado no código do exemplo anterior, foi possível elaborar um gráfico interativo em três simples passos: 1. Importar o pacote “plotly” utilizando “library(plotly)”; 2. Atribuir o ggplot previamente criado a uma variável “a” (basta inserir “a <- “ logo antes do início do código para o gráfico; 3. Fornecer o objeto “a” à função “ggplotly( )”. O gráfico gerado, apesar de similar ao anterior, se torna interativo e permite funções como zoom, salvar como figura, etiqueta dinâmica de dados e outras.

A visualização de dados em R é uma área rica e flexível, com muitas opções disponíveis para o analista. Seja usando o sistema de gráficos base para gráficos simples e rápidos ou explorando a profundidade e flexibilidade do ‘ggplot2’ para gráficos mais complexos e polidos, o R oferece ferramentas poderosas para transformar dados brutos em insights visuais compreensíveis.

#### 8.2.11.6 Visualização de dados geoespaciais

A visualização de dados geoespaciais é outra técnica avançada que pode ser realizada em R, utilizando pacotes como ‘ggplot2’ em conjunto com ‘sf’ (Pebesma et al. 2024) para criar mapas detalhados. Esses mapas podem representar desde a distribuição geográfica de eventos até análises espaciais complexas, como clusters ou padrões de movimento.

**Exemplo:** criando um mapa a partir de dados geoespaciais com o pacote “sf”

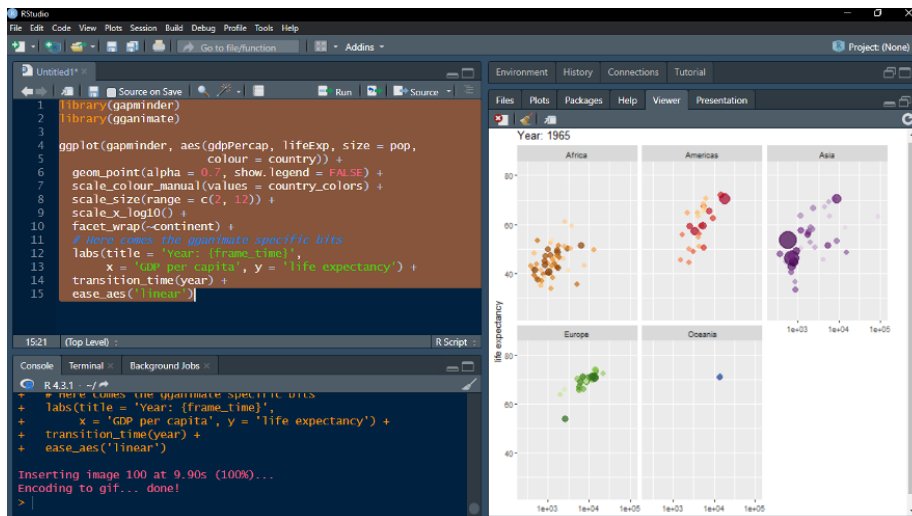


\*O código do exemplo acima utiliza as bibliotecas ‘ggplot2’, ‘sf’ e ‘rnaturalearth’ para criar um mapa do Brasil. A função ‘ne\_countries’ do pacote ‘rnaturalearth’ é usada para obter os dados geográficos do Brasil, especificando que queremos os dados em uma escala grande e que o formato de retorno seja um objeto ‘sf’, que é um padrão para trabalhar com dados espaciais no R. O objeto ‘geo\_vetor\_brasil’ contém esses dados e é passado para a função ‘ggplot’, que inicia a construção do gráfico. A função ‘geom\_sf’ é utilizada para adicionar os dados espaciais ao gráfico, com a cor das linhas definida como verde e o preenchimento como amarelo, representando as fronteiras e o interior do país, respectivamente. O tema ‘theme\_minimal’ é aplicado para um visual limpo e a função ‘labs’ adiciona um título ao gráfico. O resultado é um mapa do Brasil com fronteiras destacadas em verde e interior em amarelo.

### 8.2.11.7 Animações com gganimate

O pacote ‘gganimate’ (Pedersen et al. 2024) estende as capacidades do ‘ggplot2’, permitindo criar animações a partir de gráficos. Isso pode ser particularmente útil para visualizar mudanças nos dados ao longo do tempo, como tendências econômicas, padrões climáticos ou o progresso de uma epidemia.

**Exemplo:** criando um gráfico animado com o pacote “gganimate”

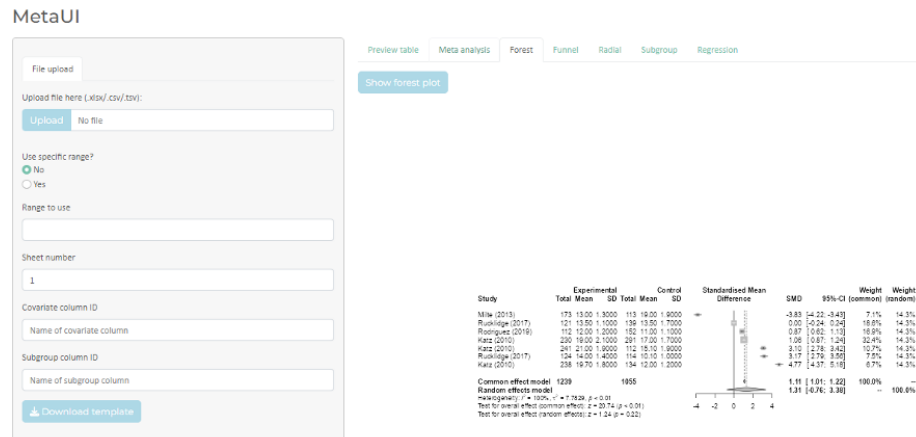


\*No exemplo acima, foram utilizadas as bibliotecas ‘gapminder’ (Bryan 2023) e ‘gganimate’ para criar uma animação que mostra a relação entre o PIB per capita (GDP per capita), a expectativa de vida (life expectancy) e o tamanho da população (pop) de diferentes países ao longo do tempo. A função ‘ggplot’ inicia a construção do gráfico com os dados do ‘gapminder’, e a função ‘aes’ define as variáveis para os eixos x e y, o tamanho dos pontos e a cor de acordo com o país. ‘geom\_point’ adiciona pontos ao gráfico com uma transparência de 0.7 e sem legenda. ‘scale\_colour\_manual’ permite a personalização das cores dos pontos por país, enquanto ‘scale\_size’ ajusta o intervalo de tamanho dos pontos. ‘scale\_x\_log10’ transforma o eixo x em uma escala logarítmica para melhor visualização dos dados. ‘facet\_wrap’ divide o gráfico por continente. As funções específicas do ‘gganimate’, como ‘transition\_time’ e ‘ease\_aes’, são usadas para criar a animação ao longo do tempo, definida pela variável ‘year’, e para suavizar a transição entre os frames. O título do gráfico é atualizado dinamicamente para mostrar o ano correspondente a cada frame da animação. Veja a animação clicando aqui.

### 8.2.11.8 Dashboards interativos com Shiny

O pacote ‘shiny’ (Chang et al. 2024) permite criar aplicativos web interativos diretamente em R. Esses dashboards podem incluir uma variedade de elementos de entrada e saída, permitindo aos usuários interagir com os dados e visualizações em tempo real. Shiny é uma ferramenta poderosa para a construção de ferramentas analíticas interativas e personalizadas.

**Exemplo:** aplicação shiny para metanálises criada em RStudio



\*A produção de aplicações e *dashboards shiny* é um processo mais complexo do que os exemplos vistos anteriormente. Sua utilização, porém, permite a criação de ferramentas especializadas para pesquisa, trabalho e negócios. Depois de criadas, essas aplicações podem poupar muitas horas de trabalho de um analista ou até mesmo permitir que pessoas sem o conhecimento de programação possam realizar as análises necessárias.

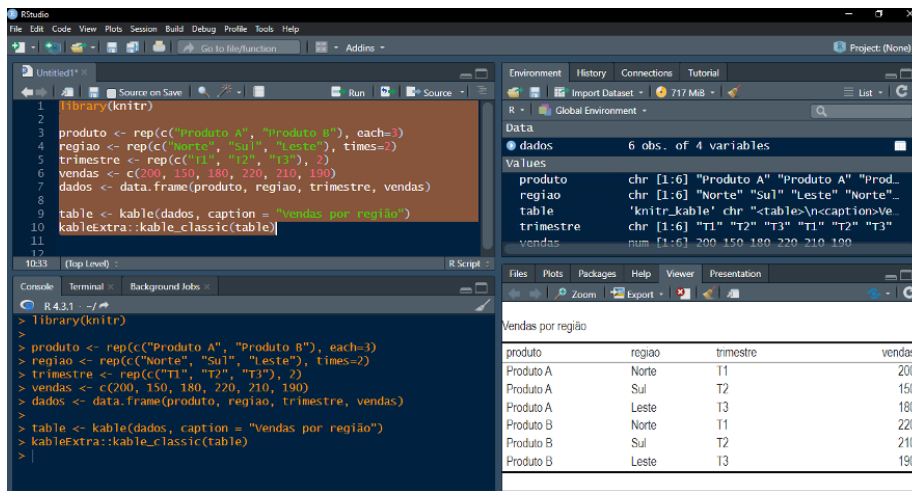
### 8.2.11.9 Tabelas e quadros em R

Para criar tabelas no R, podemos usar a função ‘table()’ para tabular dados e a função ‘View()’ para visualizar data frames em formato de tabela. Uma forma de visualizar seus dados sem a utilização da função “View( )” é clicar no ícone de uma tabela ou uma lupa:



que aparecem na aba “Environment” da janela superior direita. Além disso, o pacote ‘knitr’ (Xie [aut et al. 2024]) oferece a função ‘kable()’, que cria tabelas formatadas para relatórios e documentos.

**Exemplo:** criando uma tabela com a função “kable( )”



\*Utilizando dados modificados do exemplo anterior, uma tabela kable foi criada. Primeiro, o pacote “knitr” foi importado para o ambiente. Em seguida, criou-se um objeto “table” com a função “kable( )” que recebeu o data frame “dados”. Finalmente, fornecendo o objeto “table” à função “kable\_classic( )” (não é necessário utilizar “kableExtra::” antes da função), foi possível criar uma tabela.

## 8.3 Python para análise estatística

## 8.4 Visualização de dados e figuras científicas





## Chapter 9

# Comunicação científica

9.1 Redação de artigos científicos

9.2 Estrutura de relatórios de pesquisa

9.3 Apresentações orais e posters

9.4 Publicação e revisão por pares



## Chapter 10

# Ética e boas práticas em pesquisa

- 10.1 Consentimento informado e conformidade ética
- 10.2 Plágio e integridade acadêmica
- 10.3 Regulamentações e normas em pesquisa
- 10.4 Responsabilidade social do cientista



## Chapter 11

# Aplicações práticas e estudos de caso

- 11.1 Epidemiologia e saúde pública
- 11.2 Genética e biologia molecular
- 11.3 Ecologia e conservação
- 11.4 Farmacologia e ensaios clínicos



## Chapter 12

# Tópicos avançados em bioestatística

12.1 Modelos lineares generalizados

12.2 Análise de sobrevivência

12.3 Bioinformática e *big data*

12.4 Metanálise





## Chapter 13

# Recursos adicionais

### 13.1 Bibliografia recomendada

### 13.2 Glossário de termos

### 13.3 Tabelas estatísticas

### 13.4 Links e ferramentas online

- Baumer, Benjamin, and Dana Udwin. 2015. “R Markdown.” *WIREs Computational Statistics* 7 (3): 167–77. <https://doi.org/10.1002/wics.1348>.
- Bryan, Jennifer. 2023. *Gapminder: Data from Gapminder*. <https://cran.r-project.org/web/packages/gapminder/index.html>.
- Chambers, John M. 1980. “Statistical Computing: History and Trends.” *The American Statistician* 34 (4): 238–43. <https://doi.org/10.1080/00031305.1980.10483038>.
- Chang, Winston, Joe Cheng, J. J. Allaire, Carson Sievert, Barret Schloerke, Yihui Xie, Jeff Allen, et al. 2024. *Shiny: Web Application Framework for r*. <https://cran.r-project.org/web/packages/shiny/index.html>.
- Hornik, Kurt. 2012. “The Comprehensive R Archive Network.” *WIREs Computational Statistics* 4 (4): 394–98. <https://doi.org/10.1002/wics.1212>.
- Ihaka, Ross, and Robert Gentleman. 1996. “R: A Language for Data Analysis and Graphics.” *Journal of Computational and Graphical Statistics* 5 (3): 299–314. <https://doi.org/10.1080/10618600.1996.10474713>.
- Pebesma, Edzer, Roger Bivand, Etienne Racine, Michael Sumner, Ian Cook, Tim Keitt, Robin Lovelace, et al. 2024. *Sf: Simple Features for r*. <https://cran.r-project.org/web/packages/sf/index.html>.

- Pedersen, Thomas Lin, David Robinson, Posit, and PBC. 2024. *Gganimate: A Grammar of Animated Graphics*. <https://cran.r-project.org/web/packages/gganimate/index.html>.
- Wickham, Hadley. 2011. “Ggplot2.” *WIREs Computational Statistics* 3 (2): 180–85. <https://doi.org/10.1002/wics.147>.
- Wickham, Hadley, Peter Danenberg, Gábor Csárdi, Manuel Eugster, Posit Software, and PBC. 2024. *Roxygen2: In-Line Documentation for r*. <https://cran.r-project.org/web/packages/roxygen2/index.html>.
- Xie [aut, Yihui, cre, Abhraneel Sarma, Adam Vogt, Alastair Andrew, Alex Zvoleff, Amar Al-Zubaidi, et al. 2024. *Knitr: A General-Purpose Package for Dynamic Report Generation in r*. <https://cran.r-project.org/web/packages/knitr/index.html>.